

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 5

JULHO DE 1959

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO FOLCLORE AMAZÔNICO
NA ZONA BRAGANTINA

ARMANDO BORDALLO DA SILVA
Museu Goeldi

PREFÁCIO

O presente estudo é fruto de longos anos de labor e de pertinaz observação. Bragantino de nascimento, convivendo com a sua população desde criança e desde criança percorrendo o município, em tôdas as direções, nos acostumamos a investigar e observar tudo o que diz respeito à terra e ao homem. Assim todos os seus quadrantes foram esquadrihados, perscrutados, levantado o contôrno da costa marítima, e relacionados os hábitos, os costumes, as superstições e credices dessa gente hospitaleira, boa e simples; e agora, decorridos tantos anos, aqui estão desvendados ao conhecimento do público ledor, o folclore do nosso torrão natal, acrescido de ligeiras considerações ântroposociais.

Tomamos como foco geográfico, de nossas atividades, o município de Bragança, porque, além das razões enumeradas, é o centro de irradiação folclórica mais importante de tôda a Zona Bragantina.

Neste trabalho não nos preocupamos em interpretar os fatos folclóricos, sob o ponto de vista comparativo. As referências, raras vezes feitas, a fatos de outras regiões, servem tão somente à guiza de identificação, sem objetivo interpretativo.

Procuramos precisar as minudências do panorama folclórico bragantino sem contudo desejar ser um simples cronista de nossa terra. Deixamos o sistema comparativo para outra oportunidade ou para doutos que assim o queiram se aprofundar, estribados ou não nestas despreziosas páginas.

O espírito de escol, de aprimorada cultura, que é Renato Almeida, traçou êstes conceitos, que sintetizam, expressivamente, o que escrevemos: — “Portanto, os nossos estudos folclóricos têm, e o terão por muito tempo ainda, um caráter pragamático. As necessidades de coletar e sistematizar o imenso material brasileiro é que determinarão os nossos estudos teóricos. Em todos os ramos da cultura do folclore no Brasil, conhecemos ainda bem pouco, com um sentido regional e cada pesquisa é uma descoberta.

Muitas de nossas verificações podem ser a cada hora retificadas, diante do pouco que colhemos e da incomensurável matéria que temos de verificar” (Almeida, 1949).

Esta monografia é antes de tudo um trabalho de campo em que somos o principal informante, coletando diretamente o documentário necessário, principalmente nesta última década, na qual, com melhores cabedais científicos podemos aquilatar e coligir dados sôbre a vida, os costumes, o ambiente físico e social do povo, em bases seguras.

Reconhecemos que o presente estudo apresenta algumas falhas de natureza técnica, que consideramos secundárias ao nosso objetivo. Por isso nos propomos a completar êste trabalho quando, melhor aparelhados, com instrumentos de som, filmagem e outros, nos forem permitidas novas e melhores observações.

Esperamos, no entanto, que êle possa merecer as auras da aceitação, e, sendo o primeiro na espécie, seja avaliado o nosso esforço, diante das dificuldades encontradas, decorrentes da prioridade do assunto.

A mais não pretendemos.

I

CONSIDERAÇÕES ANTROPOGEOGRÁFICAS

O Estado do Pará está dividido em onze Zonas Fisiográficas, das quais a Zona Bragantina é uma delas, com onze municípios. Ela é cortada, no sentido oeste-leste, pela Estrada de Ferro de Bragança, eixo econômico e social de toda a região, que se limita ao norte por uma estreita faixa chamada Zona do Salgado; a leste pela Zona do Gurupí; a oeste pela Zona Guajarina e ao sul pelo Rio Guamá.

Incontestavelmente o município de Bragança é o mais importante pela sua população, pelo seu comércio, pela sua lavoura, pela organização sócio-econômica disso decorrente, pela posição geográfica da cidade a meio caminho entre o Pará e o Maranhão e, portanto dentro do eixo de transição entre essas duas unidades federativas.

Antes da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Bragança (Cruz, 1955) a esta cidade, em 1908, as relações com Belém e São Luiz eram difíceis. A princípio por meio de barcos, em viagens marítimas, demoradas e perigosas; ou então pela via do Guamá, metade da viagem feita por terra, a pé ou a cavalo, e outra metade em embarcações, rio abaixo, até Belém; posteriormente em pequenos navios da Companhia Costeira do Maranhão, a qual até uns trinta anos atrás realizava um roteiro tocando em todos os portos da costa paraense e maranhense até São Luiz. Por isso Bragança criou, motivada talvez por essa circunstância, uma sociedade estável, tanto na cidade como no interior, com pequenas propriedades de lavoura e pecuária. Por esse tempo as relações comerciais e de um modo geral as de natureza sócio-culturais eram mais intensas com a capital do Estado do Maranhão.

O município de Bragança tem os seguintes limites: ao norte o Oceano Atlântico; a leste o município de Vizeu; ao sul o município de Ourém; e a oeste o município de Capanema.

A costa marítima vai da foz do rio Quatipuru até a do Emboranunga, numa extensão aproximada de setenta quilômetros, participando assim, o município de Bragança, da Zona do

Salgado, pois está encravado na orla litorânea norte-oriental do Estado. Esta costa é sobremodo recortada de furos, baías e ilhas, e onde também desaguam inúmeros pequenos rios, importantes como fertilizadores e como vias de transportes, sendo o principal o rio Caité (2).

A superfície é de quatro mil cento e setenta e dois quilômetros quadrados (4.172 Kms²), tendo uma população absoluta de cinquenta e sete mil oitocentos e oitenta e oito habitantes (57.888 Hbs. — Censo de 1950), sendo por isso a sua população relativa de 13,8 hbs. por Km², e de 5,5% em relação à população total do Estado. Trata-se, como se vê, de um território densamente povoado relativamente a outras áreas do Estado e do Brasil, sendo ainda a sua população rural representada por 83,1% da população do município.

A séde do município é a cidade de Bragança, situada à margem esquerda do rio Caité, cêrca de trinta quilômetros do litoral. Tem mais ou menos quinze mil habitantes e está ligada à Capital pela Estrada de Ferro de Bragança, com 228 Kms. de extensão (3).

* * *

As primeiras explorações da costa oriental do Pará, datam de 1531 por Diogo Leite e Baltazar Gonçalves e posteriormente pelos francêsês em 1613, comandados por Daniel de la Touche, e em 1616 pela expedição de Francisco Caldeira de Castelo Branco.

A sua história remonta à criação da Capitania do Gurupí e do Caité (9-6-1622) (4). O primeiro núcleo colonial criado foi a Vila de Vera Cruz do Gurupí, à margem dêste rio, fundada por Francisco Coelho de Carvalho, em Abril de 1627 que doou essas terras à seu filho Feliciano Coelho de Carvalho. A Metrôpole não confirmou êsse ato e Felipe III fez a doação das referidas terras, por Carta Régia de 13 de Fevereiro de 1634, à Alvaro de Souza, filho e herdeiro de Gaspar de Souza, governador geral do Brasil que foi o primeiro donatário da Capitania do Caité, com cinquenta léguas de costa do rio Turiaçú para oeste.

Alvaro de Souza, fundou então o primeiro povoado sôbre o Caité, margem direita, como séde de sua capitania, dando-lhe o

nome de Vila de Souza do Caité. Pouco tempo depois, por fatores ainda não determinados mas sem dúvida devido à maior facilidade de comunicação com Belém, ao que se presume, entre "...1634 a 1640, estabeleceu-se definitivamente a séde da Capitania à margem esquerda do rio, na mesma área em que hoje está a cidade de Bragança" (4). O antigo local, um pouco mais a jusante, é conhecido por vila-Cuera, ou Vila-qui-era.

A população indígena era constituída pelos Caités da poderosa nação dos Tupinambás, e posteriormente também pelos Apotianga (Leal, Dr. Antonio Henrique). Ainda hoje é um dos bairros da cidade — a Aldeia — que, àquêl tempo, era por êles ocupada e separada das habitações dos colonos por um riacho.

De 1634 a 1754 a Vila de Souza do Caité, com uma população quase que exclusivamente indígena, pouco prosperou. Ressurge sob o nome de Nossa Senhora do Rosário de Bragança, elevada à categoria de Vila por ordem do Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, (5) em 1754, no mesmo lugar da antiga vila sendo povoada de novo com trinta casais de açorianos. Desde então a sua importância econômica e política foi se tornando cada dia mais manifesta graças à situação geográfica, a meio caminho entre Belém e São Luiz.

Um século depois, sendo Presidente da Provincia do Pará o Tenente Coronel Sebastião do Rêgo Barros, foi elevada à categoria de cidade, pela Resolução n.º 252 de 2 de outubro de 1854.

O primitivo território da Capitania do Caité (6) que se estendia do Rio Turiaçu ao de Pirabas sofreu várias mutilações. O primeiro desmembramento se deu em virtude do Decreto Imperial n.º 639, de 12 de junho de 1852, que desanexou da Provincia do Pará e incorporou à do Maranhão, o território compreendido entre os rios Turiaçu e Gurupí. O segundo se processou com a criação do Município de Vizeu, pela Lei n.º 301, de 22 de dezembro de 1856, perdendo a faixa situada entre os rios Gurupí e Emboranunga. O terceiro desmembramento surgiu com a criação do Município de Quatipurú pela Lei n.º 934, de 31 de julho de 1876, somente instalado em 1 de julho de 1883, perdendo Bragança as terras entre os rios Quatipurú e Pirabas. Assim tão prometedora capitania ficou reduzida a uma

pequena superfície limitada pelos rios Emboranunga e Quatipuru, com apenas 4.172 Km². Em 1954, uma quarta tentativa de usurpação se verificou ao ser criado o Município de Urumajó, de vida efêmera, mas ainda em demanda judicial.

* * *

A propósito do desenvolvimento e constituição étnica, da população amazônica, podemos dizer o que se pode afirmar de qualquer zona brasileira: desenvolveu-se à custa dos três grandes elementos raciais que povoaram o Brasil — o branco, o índio e o negro.

No entanto, na Amazônia é cousa sabida e assinalada por todos os estudiosos, a grande massa humana que se mestiçou, para formação da nossa população, foi a indígena, cujos produtos miscogénicos com os brancos, os nossos caboclos, constituem a mór parte da população hodierna.

Esse cruzamento trouxe como consequência a diversificação de hábitos materiais, espirituais e de um modo geral culturais, com formação de outros padrões de vida. Convém lembrar que o elemento branco colonizador de Bragança, foi aquêlé constituído por trinta casais açorianos enviados pelo governador Mendonça Furtado. A população indígena, era formada, especialmente, por elementos da grande nação tupí que se integrou à civilização cristã, dando origem à população cabocla.

De 1897 a 1900 nova imigração de europeus, em grande escala, foi localizada em Bragança. Na nóvel Colônia Agrícola Benjamin Constant, no distrito de Tijóca, foram fixados 956 colonos espanhoes. Atualmente a população branca, de 28%, mais ou menos, é mais densa na cidade e naquele distrito.

Por último vem o negro em quantidade pequena, relativamente ao índio e ao civilizado. Mesmo assim nos ficou diminuta percentagem de negros e seus mestiços, ou melhor os mulatos, e com êles os traços dominantes da língua, dos hábitos e costumes e principalmente das crendices de seus pais ou avós.

Calculamos que, no presente, a população bragantina não tenha mais do que 2% de negros descendentes de escravos. Como se evidencia a percentagem é bem baixa em relação a

outros lugares do Brasil e mesmo do Pará. Ainda assim há traços bem marcantes da cultura negra, especialmente no que diz respeito à música e à dança populares. Os descendentes mestiços — os mulatos — numa percentagem talvez de 10%, estão cada vez se diluindo mais em mestiçagens sucessivas com brancos e caboclos, pois o mulato tem mesmo uma certa consciência disso. Muitas vezes ouvimos os mulatos dizerem: "Não procuramos negras para espôsas, porque queremos limpar o sangue".

* * *

Urge frizar que a Zona Bragantina, de modo geral dentro da área amazônica, tem condições geofísicas perfeitamente distintas das demais áreas ecológicas do hinterland e os seus habitantes possuem condições de vida peculiares. Esta população densamente distribuída pelo seu território, aliás, pequeno, em relação às demais zonas do Estado, dedica-se quase que exclusivamente à lavoura, à pecuária e à pesca. Os centros populosos mais importantes são as sédes dos seguintes municípios desta Zona: (7) Vizeu, Bragança, Capanema, Salinópolis, Nova Timboteua, Maracanã, Marapanim, Curuçá, Igarapé-Açú, Anhangá, Castanhal, Inhangapí, João Coelho e Ananindeua.

O centro mais importante do município de Bragança, é a séde, vindo a seguir as vilas de Tracoateua, Nova-Olinda, Carateua, Urumajó e Almôço.

Essa distribuição do trabalho está ligada às condições próprias do município e às atividades sócio-econômicas do homem. Por isso distinguimos e classificamos cinco micro-áreas ecológicas, perfeitamente características: 1.^a) Área marítima ou da pesca; 2.^a) Área dos campos ou da pecuária e tabaco; 3.^a) Área das várzeas; 4.^a) Área da fibra; 5.^a) Área da farinha e cereais.

Os padrões sociais dessas micro-áreas estão estreitamente vinculados às condições geofísicas de cada uma delas. Mas, via de regra, têm uma base comum diferenciados apenas pelas atividades profissionais do homem.

A cidade de Bragança participa de todos êles e por êles é influenciada. A população fixa da cidade, periódicamente e

mesmo no decorrer do dia, sofre a preponderância do intercâmbio que se estabelece com elementos dessas micro-áreas.

A hora da enchente da maré, o nível do rio se eleva de 6 a 8 metros e o espraiado de tijuco e pedregulho do pôrto desaparece; a água subindo até ao cais e ao barranco traz embarcações de todos os tipos, de velas multicores, conduzidas pelos ventos alíseos, nesta hora mais rijos. Céleres, de velas pandas, chegam da costa marítima os pequenos "latinos" e os "bastardos" carregados de peixe fresco que logo é disputado por uma legião de pessoas.

As canoas de tamanho médio, tipo latino, vêm de outros lugares do município ou dos municípios vizinhos e transportam peixe sêco, camarão sêco em côfos, cereais, fibras, galináceos, suínos, ovinos, etc.

As embarcações de porte, os barcos a duas velas, são as empregadas na navegação de alto mar entre Belém e São Luiz do Maranhão.

Quando a maré vaza o movimento de embarcações se dá em sentido contrário àquêle da enchente: umas, regressando às praias ou aos seus portos de origem nas Vilas e lugarejos ribeirinhos; outras, chegando do alto rio Caité, geralmente grandes batelões impulsionados à voga ou a varejão, com carga de farinha, cereais, fibras, etc.

O pequeno cais do pôrto e a ponte quase não acomodam, as vezes, êsse elevado número de embarcações e pessoas.

A margem do Caité existe uma grande ponte de madeira, em frente ao mercado da cidade. Pela manhã cedo, entre 5 e 7 horas, êste local é o ponto de reunião predileto de tôdas as classes sociais que aí comparecem para a feira, onde os produtos nativos, especialmente os do mar — peixe fresco e sêco, camarão fresco e sêco, carangueijo e sururú — são vendidos a quem mais der. No comêço dessa ponte, ou melhor, na "cabeça da ponte", havia (1910-1945) uma coberta ou um pequeno chalé de madeira, abrangendo tôda a largura da mesma, com passagem ao centro e lateralmente os depósitos da Prefeitura e os Serviços de Fiscalização. Neste local, fazia ponto, uma vendedora de mingau, figura popular, conhecida por Tia Aurora, prêta velha, baixa e gorda, vestindo sempre enormes saias rodadas

de vivas côres e mandriões rendados trescalando a patchouli, priprioica e outraservas de cheiro. Preparava e vendia gostosos mingaus de arroz, milho ou de massa puba. Ela divertia a freguesia com suas gostosas gargalhadas e participava dos comentários da vida alheia. Quem quisesse saber dos acontecimentos, das intrigas, das briguinhas de família, que fôsse "à cabeça da ponte", nome pelo qual ainda hoje é designado êsse local.

O mercado e a praça em que êle está localizado é o centro comercial para onde afluê a população da cidade e de fóra que aí vende os seus produtos, transportados por tôda sorte de veículos.

A zona urbana da cidade ocupa uma extensa área circunscrita a leste pelo Caité, ao norte e a oeste pelo Rio Grande e ao sul pelo Riozinho, sendo atravessada, em tempos idos, por um riacho chamado rio da Aldeia, hoje transformado em valas e boeiros, no seu antigo leito. À esquerda dêste riacho fica o bairro da Aldeia, outrora aldeamento indígena e presentemente uma área plana da cidade, indo das ribas do Caité às do Rio Grande e ocupado, principalmente, por casas residenciais. Estas são em crescido número de alvenaria, existindo também muitas casas de taipa, cobertas de telha e algumas de palha. As melhores construções estão às proximidades da Praça da República ou Largo da Aldeia. A população dêste bairro é constituída, na sua maioria, por operários e pescadores. As casas de alvenaria, de estilo colonial umas e outras de estilo moderno, reformadas ou construídas há poucos anos, são ocupadas por famílias de comerciantes.

À margem direita do riacho da Aldeia encontra-se a parte central da cidade, outrora residências dos brancos e seus escravos. Eleva-se em aclave suave do pôrto até a Praça da Estação, onde atinge 29 metros de altitude acima do nível do mar. Ao longo do rio Caité está o pôrto e o bairro comercial, com boas casas de comércio, de alvenaria, assobradadas e térreas, sendo algumas também residenciais. Essas casas antigas são de estilo colonial, algumas com fachadas de azulejo, com platibanda e duas águas ou com platibanda e quatro ou cinco águas, estas, com puchada e rincão, no encontro da quarta com a quinta água.

As casas velhas estão pouco a pouco desaparecendo, cedendo lugar à construções modernas.

A cidade de Bragança é de ruas retas e perpendiculares, rigorosamente simétricas, formando um verdadeiro xadrez, abertas aqui e ali em praças e jardins. As praças mais importantes são: a da Prefeitura ou Praça Marechal Deodoro, com um corêto de ferro ao centro do ajardinado; a Primeiro de Outubro ou de São Benedito, bem em fente do rio, no alto do barranco e onde está ao fundo, a Igreja de São Benedito, da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança; Praça Major Batista ou da Matriz, onde foi erigido um obelisco de mármore, comemorativo do 1.º Centenário da adesão do município à Independência Nacional e onde está também localizada a Igreja Matriz e lateralmente o palacete residencial da Prelazia; a Praça da Bandeira, com monumento dedicado à Bandeira Nacional, e, ao fundo, o Colégio de Santa Terezinha, de propriedade da Prelazia; a Praça da Estação, onde está erecto, o busto, em mármore, do Governador Augusto Montenegro, comemorativo do término da construção da Estrada de Ferro de Bragança; e a Praça da República ou Largo da Aldeia, grande e ensombrada por longo renque de mangueiras, à margem do rio.

Na zona urbana encontramos os seguintes bairros, sem limites bem definidos, mas entrosados na vida social e comercial da cidade: Bairro da Aldeia, Comercial, Central, Bôca da Estrada, Europa, Cerejo e Ora-Bolas. Na parte suburbana participando da mesma organização social, as construções mais modestas pertencem à gente humilde que se distribuem pelos bairros denominados: Panair, Serra, Alegre, Morro e Riozinho.

As designações das classes sociais principalmente no interior do Estado, nem sempre são de fácil determinação. Há, no entanto, uma maneira simples de se as distinguir, denominando-as de acôrdo com uma hierarquia nem sempre rígida, e que na zona bragantina também é de uso: sociedade de primeira, de segunda e de terceira, e gente do interior ou do sítio, e gente das praias ou praieiros. Gente do interior é a designação genérica pela qual, os da cidade chamam àqueles que moram em sítios, fazendo-las e povoados, exclusive os que moram nas praias.

Entre essa gente do interior e as classes sociais da cidade, de primeira, de segunda e de terceira, genericamente, não existe nenhuma hierarquia, porque essa gente do interior, pessoalmente, no lugar em que vive, tem a sua classificação de acordo com a influência ou o prestígio que desfruta sem nenhuma relação com a classificação social da cidade. Há, no entanto, os que, acrescida a essa influência local, no interior, especialmente comerciantes e suas famílias, gozam também de invejável prestígio na cidade e ocupam lugar de destaque na vida social e política do município e até do Estado. Sendo o município de Bragança na sua organização sócio-econômica, formado por inúmeras pequenas propriedades, que se desenvolvem devido ao incremento da lavoura, da pecuária e das indústrias domésticas, fácil é compreender que a engrenagem comercial e social da cidade está intimamente ligada à do interior. Hoje, as cousas têm mudado um pouco, e essa hierarquia social tão defendida antigamente não obedece agora àquêles mesmos padrões rígidos que separavam as classes. Os índices dessa mudança são as festas promovidas quer pelos clubes ou sociedades recreativas locais ou mesmo pelas famílias citadinas. As chamadas festas da sociedade de primeira, as quais somente compareciam as autoridades locais, os comerciantes destacados, os funcionários graduados federais, estaduais e municipais, com suas famílias, hoje são *misturadas*, aos poucos desaparecendo a severidade dos costumes de alguns anos atrás. Na segunda, estão os comerciários, funcionários menos graduados e pessoas humildes, mas honestas, vivendo da sua profissão. Na sociedade de terceira deparam-se os operários, os trabalhadores braçais e outras pessoas de condição pobre.

A distinção de cada uma dessas classes é mais acentuada entre os da primeira e os da terceira. Os da segunda são mais interpenetráveis, não só pelos da terceira como até mesmo pelos da primeira. Os da segunda por sua vez também procuram se elevar no conceito social, seja se prevalecendo de condições econômicas favoráveis, seja, quando, e isto vale acentuar, possuam filhas simpáticas ou bonitas. Este é o fato mais saliente ao lado, em segundo plano, do fator econômico, capaz de possibilitar essa ascensão social. É o prestígio da mulher bonita como fator pre-

ponderante na admissão de uma classe social superior àquela em que, muitas vezes, vive a sua família.

Bragança sempre teve vida social intensa. As grandes festas religiosas ou sociais, nos clubes, têm um brilhantismo só igualado às da capital. As festas religiosas, as festas dançantes e os folguedos populares são muito concorridos e constituem quase que exclusivamente as diversões preferidas de nossas populações. Nesta despresunçosa monografia descrevemos preferentemente as festas e os folguedos populares comuns à Zona Bragantina.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) Cruz, Ernesto — 1955.

2) Empregamos com Bolívar Bordallo da Silva a grafia *Caité* em vez de *Caeté*, por nos parecer mais condizente com a realidade semântica da palavra. A maioria dos textos antigos usa a ortografia *Cayté*, nos parecendo traduzir a exuberância das matas e das águas: Caa-y-eté ou seja caa=mata, y=água e eté=verdadeira, grande. Se relacionarmos a origem da palavra à existência de tribos indígenas de igual nome, também para essas tribos o termo, nos documentos antigos, é na maioria das vezes grafado *Cayté*, desde Pernambuco às plagas bragantinas.

3) Para que se possa avaliar o desenvolvimento demográfico do município de Bragança, damos as seguintes informações:

1823	5.000 hbs.	(Giffinig, João Benedito Gaspar — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, tomo IV — pg. 370)
1839 . .	Branços de ambos	
	os sexos	4.408
	Escravos	482
	Índios e mestiços	
	livres	1.885
		—————
	6.775 hbs.	(Baena, 1839)
1870	10.000 hbs.	(Correia, Augusto, 1922) — Atas da Câmara Municipal — O Município de Bragança — “Estado do Pará” de 6-12-1922)
1872	9.253 hbs.	(Reis, 1947)
1920	44.486 hbs.	(Recenseamento Nacional)
1940	48.205 hbs.	(Idem)
1950	57.888 hbs.	(Idem)

Em 1931, conforme recenseamento procedido pelo autor, então Inspetor Médico Sanitário de Bragança, a população urbana (zona urbana central da cidade) era de 2.831 hbs., distribuídos por esta forma:

Menores de 0 a 7 anos	525
de 8 a 14 anos	548
de 15 a 20 anos	415
	1.488
Adultos	1.343
Sexo masculino	1.276
Sexo feminino	1.555
	2.831 hbs.

Calcula assim o autor que a população suburbana de Bragança, àquele tempo, fôsse de outro tanto, a que por êle foi recenseada e dessa maneira a população total da cidade, em 1931, seria de 5.662 a 6.000 hbs.

No recenseamento Nacional de 1940, encontramos os seguintes dados, referentes ao município:

Branços	H	8.802	M	9.018	17.820	36,90%
Pretos	H	1.620	M	1.470	3.090	6,40%
Amarelos	H	17	M	11	28	0,05%
Pardos	H	13.626	M	13.485	27.111	56,40%
Côr não declarada	H	99	M	57	156	0,25%
		H = 24.164		M = 24.041		= 48.205 hbs. 100%

O recenseamento Nacional de 1950 apresentou êste resultado para Bragança:

População do Município	57.888
População do distrito da cidade	15.110
População da cidade sede	5.495

Assim que foram publicados êstes resultados, em sessão do Diretório Regional de Geografia do Pará, do qual fazemos parte, discordamos ser a população da cidade de Bragança de apenas 5.495 hbs. Baseado no recenseamento que procedemos em 1931 mostramos que essa população é apenas do centro urbano da cidade e que a população suburbana foi considerada rural, dando assim êsse decréscimo notável da população de fato da cidade de Bragança, que calculamos não ser inferior a 15.000 hbs., desde que computadas as zonas urbana e suburbana.

4) Bordallo da Silva, Bolívar — M s).

5) Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1700-1769), Governador e Capitão General do Maranhão e Grão Pará de 1751 a 1758. Foi o grande reorganizador administrativo das Províncias que estavam sob sua jurisdição, tendo em 1754 restaurado a antiga vila com o nome de Nossa Senhora do Rosário de Bragança.

6) A Capitania do Caité, de 50 léguas de costa, tinha por limite leste o Rio Turiaçu e a oeste, possivelmente, o Rio Pirabas, e de fundos tantas quantas léguas pudesse penetrar. Estes limites abrangiam grande área de território atualmente pertencente aos Estados do Pará e Maranhão, tendo um marcante eixo fluvial que é a bacia hidrográfica do Gurupí. A região entre o Gurupí e o Turiaçu, é também conhecida pelo nome de Guiana Maranhense, admiravelmente estudada por Roberto Galvão (1955).

7) Somos de parecer que as Zonas do Salgado, Bragantina e Gurupí (parte do município de Vizeu) poderiam constituir uma única zona fisiográfica do Estado — a Zona Bragantina. Defendemos este ponto de vista porque as condições climáticas e o aspecto fisiográfico nessas zonas são idênticos e as relações humanas estão de tal maneira entoadas com a Estrada de Ferro de Bragança — eixo econômico e cultural desses municípios — que não poderemos dissolcá-los para grupá-los em zonas fisiográficas diferentes.

A chamada Zona do Salgado, ecológicamente, existe, mas constituindo uma micro-área, dentro dos municípios das ribas atlânticas, como outras micro-áreas ecológicas encontradas nos territórios desses municípios.

II

CICLO DO NATAL

PRESÉPIOS E PASTORINHAS

As comemorações do nascimento de Jesus, a 25 de Dezembro, são festas universais. Na Amazônia, nas capitais ou nos mais afastados rincões do interior, é comemoração ainda realizada por muitos. Além das cerimônias religiosas nas Igrejas das cidades ou nas capelas do interior, algumas famílias costumam armar pequenos presépios ou organizar grupos pastoris para representação nas próprias casas ou em teatrinhos, improvisados na ocasião.

Em Bragança é costume ser armado o presépio nas duas Igrejas existentes. Antigamente, isto é, até 1905-1906, os presépios eram visitados pelas pastorinhas, que encenavam os seus autos, em frente aos mesmos. Também nas casas residenciais eram feitos lindos presépios que eram expostos à visitação pública. Eram geralmente instalados a um canto da sala de visita ou da varanda. Faziam uma pequena cobertura de palha simulando o beiral de uma casa e um estrado de madeira, espécie de cantoneira triangular, servia de soalho. Este conjunto era enfeitado de flores naturais e artificiais, bandeirinhas de papel, samambaia (*Cyperacea-Polipodium piloselloides*), etc., e ao centro num pequeno berço repousava um boneco representando Jesus recém-nascido, e junto Maria e José de par com as figuras lendárias dos Reis Magos, pastores, cordeirinhos, bois, vacas, etc. Isto hoje ou é raramente feito ou não ocorre mais. Os grandes e vistosos presépios feitos antigamente, foram substituídos, presentemente, pelos pré-fabricados de papel ou papelão, que as crianças recortam para armar.

Os cordões de pastorinhas de 1910 em diante deixaram de representar nas Igrejas e em casas particulares que tivessem presépios. A partir da referida data começaram a surgir os primeiros grupos representando em palcos próprios, sem presépio, em barraca de madeira, de cobertura de palha, construída para esse fim. Passou-se à teatralização desses autos pastoris, escri-

tos por pessoas letradas e as músicas eram trechos escolhidos de óperas ou conhecidas melodias clássicas, arranjadas ao bel-prazer e ao sabor das conveniências dos compositores. Era o influxo das novas tendências, que tudo moderniza.

O grupo pastoril era constituído das personagens a saber: Estrêla, Lua, Anjo anunciante, Pastôra Guia, Pastor Guia, Pastôra Perdida, Pastôra da montanha, Cigana Rica, Cigana Pobre, Casal de Galegos, Hespanhola e de 10 a 12 pastorinhas. A enenação era brilhante e cheia de cenas patéticas. Após os cânticos da Estrêla e da Lua, o Anjo anunciava o nascimento de Jesus. A Pastôra Guia, de cajado e pandeiro acordava as pastôras adormecidas, cantando: —

Disse-me o Anjo anunciante
Que quando nasceu Jesus,
Trazia nos lábios um sorriso
E uns meigos olhos azuis.

Acordai lindas pastoras,
Para irmos à Belém,
Adorar o Deus menino,
Que nasceu para o nosso bem.

Vamos todos à Belém,
Vamos todos à porfia,
Adorar quem nos quer bem
E a quem nos dá alegria.

Ficaram nítidas e consistentes na memória dos bragantinos, os presépios e os grupos pastoris organizados pela D. Diquinha Santos, pelo P. Martins, e suas filhas, por Sebastião Luz e pela D. Apia Costa. Perduram as lembranças das disputas, insufladas pela natural vaidade, pela conquista do primeiro lugar e dos prêmios valiosos, entre as mais airosas e lindas pastorinhas, apadrinhadas por pessoas influentes ou abastadas.

E quantos casamentos e romances de amor, tiveram origens nesses grupos pastoris!

Recolhemos êstes versos cantados, nas pastorinhas realizadas, há uns vinte ou trinta anos atrás:

Dizei-me pastor
Se não viste aqui
Um carneirinho
Que aqui perdi.

Não pastorinha
Não, eu aqui não vi,
Não, eu não vi.

É branco como a neve,
Mansinho e gentil,
O carneirinho,
Que eu aqui perdi.

*

Eu sou pastorinha,
Que venho da montanha,
Rufando meu tambôr,
Rufando meu tambôr,
Para vêr quem me chama.

Seus pés pequeninos,
Suas mãos melindrosas,
Boca pequenina,
Boca pequenina,
De um botão de rosa.

O firmamento azulado
Ilumina quem nasceu,
Vinde, vinde pastorinha,
Adorar o nosso Deus.

Eu sou o pastor,
Quero me casar,
Dinheiro não falta,
Para as belas gastar.

Então sendo assim,
Belo pastor,
Eu ia ser casada,
com um belo pastor.
Eu sou a bela mais estimada,
Que para ti eu nasci com
[mais amor.

*

Eu estou perdida,
Por todos abandonada,
Triste de minha vida,
Vivo desprezada.

Vamos contentes,
Todos á Belem,
Louvar o menino,
Que nasceu
Para nosso bem.

Vamos, vamos pastorinhas
Em busca do Salvador,
Que ao mundo vem glorioso,
Cheio de glória e esplendor
Para a nossa salvação,
Veio o anjo anunciar
O filho de Maria,
Nesta noite de Natal

Eu sou a cigana do Egito,
Pobre filha do Oriente,
Vinde, vinde forasteiro
A adorar o Onipotente.

Chamam-me cigana,
Pois leio a sorte da mão,
Eu quero que me bote
Nesta bolsa ao menos um tostão.

Meu senhor a vossa sorte,
Eu leio com atenção,
Agradeço sua esmola
De bom gosto e coração.

*

Aqui tem esta florzinha
que os pastores aqui lhe dão
é mui bela trazida de um coração

Aqui tem esta florzinha
que os pastores aqui lhe dão
ela é pequena é mui bela
sómente respira amor.

ANO BOM E REIS

Há alguns anos atrás a população bragantina era 100% católica. Hoje essa percentagem baixou para 90%, sendo 10% representados por outras religiões, principalmente pelo Protestantismo.

Na cidade de Bragança existem hoje duas Igrejas, sendo uma a Matriz, da Prelazia e outra a de São Benedito, pertencente à Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Havia uma outra Igreja, que há tempos ruíu, era a de São João, no bairro da Aldeia.

Nas demais vilas, povoados e junto às grandes casas de comércio do interior, há sempre uma Igreja ou capela.

As nossas festas tipicamente religiosas, como as de Natal, Dia de Ano e Reis, e Quaresma são celebradas na cidade de Bragança, somente nas Igrejas, sem arraial, ao contrário de outras, como as de São João e São Pedro, Nossa Senhora de Nazaré e São Benedito que, além das novenas, missas e procissões, têm também, após êsses atos religiosos, em frente à Igreja, a parte profana da festa promovida pela sua Diretoria e organizada no arraial com leilão, tôdas as noites, comércio de restaurante e bar, sortes e folguedos, inclusive o Carrossel.

Véspera de Ano-Bom, à meia noite, a Marujada, interessante manifestação folclórica bragantina, descrita no Capítulo VII, dirige-se à sua Igreja de São Benedito. Ao derredor do templo dá três voltas, após o que as Marujas, desprovidas de seus instrumentos de música, sem os seus vistosos chapéus e imbuídas do maior respeito e fé, entram na Igreja ali permanecendo algum tempo, em visita ao Presépio e para as orações costumeiras. A tradição data de muitos anos.

No dia 6 de Janeiro, quando se realiza a Festa dos Santos Reis, é costume, como aliás em todo o Brasil, palmilharem as ruas da cidade os *cantadores de Reis* que, de baixo de música, cantando coplas e declamando versinhos improvisados ou previamente preparados, vão pedir os Reis, angariando então os presentes e as dádivas, do comércio local ou mesmo de particulares, que são depois divididos entre os participantes do grupo. À noite promovem os bailes.

Eram famosos os grupos do Mestre Vicente (1), e do Uricica (2), já falecidos.

No interior do município, nas vilas e povoados, rapazes e moças, ao som de instrumentos musicais, por vezes improvisam grupos de Reis, levando de casa em casa a graça esfusante de suas coplas, de inspiração espontânea, colhendo donativos durante o dia, e à noite, uma ladainha seguida de danças, encerra o programa. Com pesar constatamos, a festa dos Santos Reis, pouco a pouco vai desaparecendo, sem expressões folclóricas, porque os primitivos impulsos de robusta fé e sã alegria, vêm sendo substituídos por sentimentos abastardados, no qual o

lívido predomina. Por isso fica como objetivo único, apenas a festa dançante de noite. Festas, no entanto, sem as quadrilhas, polkas, o retumbão e outros entretenimentos daqueles bons tempos de antanho. Agora o fox, o baião, o mambo e outras danças modernas em voga, mesmo nos mais distantes recantos do município, já penetraram, com preferência.

Damos a seguir alguns versos cantados, por êsses grupos de Reis:

Éh de casa, éh de fóra,
Mangirona quem tá aí,
É o cravo mais a rosa,
Que no sereno abrí.

Eu cheguei na tua porta,
Bati a mão na fechadura,
Eu falei, tu não falaste,
Coração de pedra dura.

Abre a porta mangirona,
Esmola pro Santo Reis,
Se não for galo amarelo,
Há de ser galo pedrês.

Eu sou um botão de rosa,
Que abri no dia seis,
No dia seis de Janeiro,
É a festa dos Santos Reis.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) Mestre Vicente — Vicente Antônio Monteiro (1870-1923), morreu com 53 anos de idade. Era mulato, de índole folgazã, tocador de violino e professor de música. Animador de serenatas, pastorinhas e Reis. Tinha como colaboradores os seus filhos, também músicos e sua filha Luzia, que cantava.

2) Uricica — Raimundo Mota da Cunha, nasceu em Bragança, em 1881, filho de Antônio Francisco da Cunha e Maria Tereza de Jesus Cunha. Morreu com 77 anos de idade, vitimado por cruel congestão cerebral. Tocava muito bem violino. Compôs inúmeras músicas: canções, dobrados, arranjos musicais para autos pastorís, Reis, etc. e hinos inclusive o Hino de Bragança, cuja letra é do poeta De Castro e Souza, nosso conterrâneo.

Informantes: — Benedito Cezar Pereira, Prof. Maria Martins e Raimunda Ferro.

III

CICLO DO CARNAVAL

ENTRUDO

O carnaval, antigamente em Bragança, como em quase todo o Brasil, consistia no entrudo, por vezes violento ou impróprio, além de festas nos salões de clubes (1) ou casas particulares e blocos de rua.

Grupos de rapazes aos domingos, principalmente domingo gordo, e terça-feira, visitavam as famílias conhecidas ou de maior intimidade, procurando, de preferência as casas onde moravam moças. E então se travavam verdadeiros duelos com *cabacinha*, farinha de trigo, carvão, água e tudo o mais de que pudessem lançar mão, no afã propositado de sujar ou deixar o contendor em condições lastimáveis ou jocosas.

Eram práticas frequentes vezes, bruscas e rudes, que faziam com espírito brincalhão, procurando divertir-se e divertir os outros. O que se passava nas residências ocorria também nas ruas, onde a *cabacinha* não somente era jogada nas pessoas que estavam brincando, mas *acidentalmente*, em pessoas circunspetadas que passassem pelo local *bloqueado*, ocasionando então situações embaraçosas ou grossa descompostura. Afinal tudo era diversão!

Melo Morais Filho, em seu livro "Festas e Tradições populares do Brasil", descrevendo o entrudo faz referência a laranjinhas e limões de cheiro, feitos de cêra de variadas côres e cheias "as delicadas cápsulas com água aromatizadas de essencia de canela, rosa, cravo, etc."

As nossas *cabacinhas* eram destinadas ao mesmo fim, embora fôsem fabricadas com outro material e doutra forma. Eram de finíssima pele de borracha, cheias de água colorida e as vezes aromatizada.

A *cabacinha* era geralmente confeccionada por mulheres. O material consistia em peles de sernambí, uma bomba de fôlhas de Flandres e um alguidar. O sernambí era encomendado com bastante antecedência, de Belém ou do Chaú (localidade do alto

Caité). Aos sábados ou nas vésperas dos grandes dias de carnaval, eram colocadas de môlho e assim retiradas inúmeras películas finíssimas. No alguidar era preparada uma solução de anil e outros corantes às vezes adicionada de cipó catinga (Compositae — *Micania amara*, Will), patchoulí (Graminae — *Andropogon squarrosus*), mucura-caá (Phytolacacae — *Ptivenia alliacea*), pripriôca (Ciperacea — *Cyperus sanguineo-fuscus*, Lindl.) e outras plantas aromáticas. Cheia a bomba com êsse líquido, era adaptado ao bico, uma das películas de sernambí, que pela pressão do êmbolo da bomba, formava uma bola ou esfera de 6 a 10 cms. de diâmetro. Um fio apertava as extremidades da película, formando então a cabacinha.

As cabacinhas de fabrico da Coló, moradora do bairro da Aldeia, tinham a preferência da rapaziada, nêsses dias retumbantes de entrudo.

SERRA-A-VELHA

Dentre os folguedos populares, notamos o conhecido pelo nome de "Serra-a-Velha", que parece fadado a desaparecer.

"Serra-a-Velha" é uma diversão promovida durante a noite nas três últimas quartas-feiras da Quaresma. Rapazes estouvados postam-se à porta da casa de uma pessoa encanecida afim de procederem ao inventário dos bens que possui ou dos que forem imaginados na ocasião. Levando serrotes, latas, "onça" (2) e um gato prêso num paneiro, os foliões aproximam-se, silenciosamente, da residência do velho ou velha e com voz cavernosa chamam-no repetidas vezes. Quando os velhos respondem rompem numa assuada infernal. Friccionam o serrote nas latas, tocam a "onça", torcem o rabo do gato, que mia de dor, acompanhado pelo *chôro* ruidoso dos foliões. A uma pausa lêm, aos gritos, o testamento original e faceto: — "Deixo isto para fulano, deixo aquilo para sicrano, etc. Não raro a pessoa serrada desanda em impropérios, o que provoca maior alarido dos galho-feiros; redobram os gritos e *chôros*, fazendo o gato miar, desesperadamente, serrando com maior furor as latas, acionando a "onça", no intuito de abafar as explosões de ira, dos velhos. De inopino, abre-se a janela, e um jato de água ou de outro qual-

quer líquido, violentamente jogado, faz bater em retirada o rapaz irreverente, o qual rindo às bandeiras despregadas, vae para outra operação galhofeira.

Ao amanhecer, por via de regra, na "cabeça da ponte" é o comentário de tôdas as rodas, divulgando-se as peripécias, os detalhes pitorescos da brincadeira daquela noite quaresmal.

Benedito Cezar Pereira, primoroso "conteur" e bragantino de largos conhecimentos das nossas cousas antigas, a nosso pedido, descreveu a "Serra-a-Velha", de seu tempo, que a seguir transcrevemos.

"A Serra-a-velha é uma brincadeira que vem acompanhando pari-passu, o evoluir bragantino, desde a data de sua fundação, talvez.

Dantes, os blocos, movimentavam a "Serra" às quartas e sextas-feiras, porém, atualmente, ou por outra, de uns vinte anos para cá, a "Serra" funciona sômente às quartas-feiras. Há blocos, como sempre houve, de elementos sômente de nossa sociedade, únicos que podem, impunemente, provocar as iras ou galhofas dos velhos e velhas da sociedade bragantina. Os componentes do bloco da "Serra", reúnem-se em determinado local da cidade para, após a meia noite, iniciarem a tétrica encenação dessa reminiscência de autoria de nossos coevos.

Cada um dos componentes do grupo é incumbido do desempenho de um papel. Há o *chamador da vítima e o condutor do gato*, que foi colocado dentro de um paneiro e com o rabo de fóra. Há o da *lata com o serrote*; o da *campainha*; as "carpideiras" que choram e soluçam como de verdade; e o *testamenteiro*. Este é o principal personagem da comédia, as vezes dramática, e que tanta raiva provoca nas pessoas, de ambos os séxos que tenham atingido os 60 anos de idade. Em represália à "Serragem", êles jogam tudo quanto é de descompostura, assim como pedras, cabos de vassouras, água, etc., sôbre os "serradores".

É interessante observar-se que, na casa onde os "serradores" não são insultados e não apresentam a marca-recibo de um joelho esfolado devido à queda, oriunda da carreira fugitiva ao aguaceiro que lhes é sacudido por sôbre a janela, repentinamente aberta ou pela porta da rua e de onde vôa no espaço uma grossa tranca à procura de um costado, a *brincadeira* não prestou, o

serviço não deu resultado, porque não houve a gostosa gargalhada dos “serradores” mais precavidos, caçoando do colega incauto que se deixou pilhar pela tranca, água, urina, etc.

Historiemos o entrecho da “Serra-Velha”: Às proximidades da meia noite ou, as vezes, alta madrugada, o bloco sorrateiramente, pé ante pé, agachando-se em semi-círculo, sem fazer ruído, em frente à casa da inocente vítima, está pronto para a “Serra”. O *chamador* da pessoa visada então se aproxima de uma das janelas ou portas da rua da casa, mas sempre do local onde mais perto esteja dormindo a *vítima* e com o nó do dedo médio da mão direita fechada, bate várias vezes, chamando pelo nome de quem vai ser “serrado”. Este, despreocupadamente acorda e naturalmente faz a esperada pergunta: Quem é? Isto é o bastante para que o chamador responda: — “Apronte-se seu fulano, que hoje é seu derradeiro dia”!

“As carpideiras” e a turma tôda entra na choradeira que até faz a vizinhança acordar sobressaltada, bem assim a família do “serrado” cheia da maior indignação. Por entre essa choradeira, ouve-se o serrote raspando a lata num chiado enervante e o mísero do gato, dentro do paneiro, a miar e a soprar desesperadamente, porque o seu condutor com um alicate, está esmagando-lhe a ponta do rabo que está de fóra. De vez em quando a campinha é ouvida, num bater ensurdecedor.

Após segundos, cessa a barulheira e choradeira infernal e então o *testamenteiro* pergunta, num silêncio sepulcral: Já morreu? Se a vítima ou alguém por ela responde qualquer coisa, todos gritam “Ainda não morreu... Serra... Serra...!”

Outra pausa e outra pergunta: “Ainda não morreu... Serra... Serra... Serra...!” — Nova pausa e nova pergunta: “Já morreu?” Havendo silêncio então entra em cena o *testamenteiro*, que lamuriosamente diz: coitado... morreu... Não conseguiu deixar a família amparada e nem a Joanhinha (uma das filhas) casada com o Sebastião “bico doce” (um dos seus maiores inimigos). Há nêsse momento a efervescência do ódio do “serrado” e então as janelas são abertas, as portas escancaradas e lá vem trancas, urinóis e aguaceiro em cima dos serradores, que disparam em vertiginosa carreira. Quando assim acontece e após quinze ou vinte minutos do desaparecimento da

turba, a casa fecha-se novamente e volta à tranquilidade o local. É quando vêm eles, desta vez distantes da casa, continuar o testamento, no seu rosário de heranças... a porca velha fica para o seu Manoel (sempre um inimigo do serrado), o cordão de ouro para a Chiquinha; esta casa é para pagar a dívida do falecido para com o "seu V" e o "seu M", etc. Depois de desfiar o testamento, o bloco ruma para outro bairro onde não tenha chegado o éco das suas diabruras.

Residia num prédio à praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida como praça da Intendência, o major X, velho cidadão (já falecido há muitos anos) e que gostava de criar garças, apanhadas nas lindas praias bragantinas e com as quais tinha um zelo especial. O major X era brigado com o seu genro, que era seu vizinho. Quando os "serradores" iniciavam a "serragem" do major X, este que era pornográfico a valer, divertia a rapaziada com os seus palavrões, desses de arrepiar os raros cabelos de um caréca. O velho major formava até um diálogo com a turma "serradora". Ele dentro da casa e o pessoal no sereno. Pela voz ele conhecia quem era que o estava azucrinando àquelas horas. Mas quando o *testamenteiro* fazia alusão ao prédio residencial do major e que ficaria para o P. M. (com quem mantinha, na época, uma demanda judicial), o velho X gargalhando, respondia: "Olha, filho... a casa fica para tua mãe, p'ra essa velhota assanhada e que ainda tem boas carnes...".

A gargalhada era contagiosa! Todos achavam graça do repente do velho X e quem encabulava era o "testamenteiro". Porém quando lhe diziam que as garças ficavam para o seu genro, era na certa a correria da turma a esconder-se para os lados da Igreja de São Benedito, pois o major enraivecido, abria a porta da rua empunhando um rifle 44...

Eram gozadas as "serras" de antanho!... Hoje já não há mais aquele entusiasmo e persistência da rapaziada, porque o pessoal está de olho na casa e olho à retaguarda com receio da Polícia que o modernismo joga sôbre os que continuam as tradições dos seus antepassados".

JUDAS E TESTAMENTOS

No sábado de aleluia, entre nós, como em todo o Brasil, Portugal e países de civilização latina e cristã, é costume amarrar dependurados nos galhos das árvores (em Belém nas mangueiras e postes) grandes bonecos, simulando Judas, que se enforcou depois da traição a Cristo. Há Judas por toda a parte. Muitas vezes esses Judas são encostados às portas da casa de uma determinada pessoa. O boneco tem na mão ou no bolso uma folha de papel; ali está o seu testamento. É uma longa lista de fatos e cousas relacionadas à pessoa visada ou à várias pessoas influentes ou categorizadas.

Pela manhã, quando a porta é aberta se dá a parte cômica da brincadeira. O boneco cai geralmente nos braços da pessoa que veio abri-la, com visível espanto desta, seguido de uma explosão raivosa de desafãos que a molecagem lá fóra, à espera desse desfecho, goza em gargalhadas e vaias estridentes. O testamento é então arrebatado pela garotada que o lê em altas vozes e grande surriada, aumentando o furor do alvejado.

Os Judas dependurados nas mangueiras, aí ficam até às 10 horas da manhã, quando rompe a Aleluia e começa o açoite aos grotescos bonecos. Paus e pedras derrubam o Judas que são destruídos sob a alacridade da multidão.

Gustavo Barroso (1927, pg. 40) com razão assevera: “Esses testamentos têm por fim *mexer, intimar, inticar*, com várias pessoas, tornando-as ridículas, ajudando aos seus defeitos”.

Estes fatos ocorrem aqui, como em toda a Amazônia, segundo as descrições encontradas nos escritores que se têm ocupado do assunto, motivo pelo qual nos abstermos de maiores detalhes.

A polícia, hodiernamente, proíbe de maneira taxativa esses folguedos.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

Podemos anotar nestes últimos sessenta anos as seguintes sociedades recreativas e sociais e clubes esportivos: Clube das Rosas, Atheneu Bragantino, Vale-quem-tem, Esporte Clube de Bragança, Horas Vagas, Guajará Esporte Clube, Clube dos Sete, Assembléia Bragantina, Clube dos Vinte e Dois, Nove Balões, Bragança Esporte Clube, Caité Esporte Clube, Team Negra, Canelas

de Aço, São João Esporte Clube, Yank Esporte Clube, Guaraní Esporte Clube, Team dos Casados, Paroquial Esporte Clube e Clube dos Aliados. Existem ainda em pleno funcionamento: Bragança Esporte Clube, Caité Esporte Clube, Team Negra, Team dos Casados, Paroquial, Clube dos Aliados e Nove Balões.

2) Onça é um pequeno tambor cilíndrico tendo numa das extremidades uma pele bem esticada e ao centro desta, pela parte interna, uma vara de madeira presa externamente sobre a pele numa rodela de cuia (fruto da cuieira — *Crescencia cujete*, Lin.). Esta varinha é atritada pelo tocador que tem na mão um pedaço de pano embebido em resina, geralmente breu. O instrumento produz um som rouco que se assemelha ao rugir da onça. É a cuica dos ranchos carnavalescos.

Informante: — Benedito Cezar Pereira.

IV

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

As festas religiosas, com arraial à noite, constituem motivo de diversão para o povo, esquecendo as labutas diárias. Assim numa determinada época prevalece, pelo seu aparato ou brilhantismo, a festa tal ou qual. O culto popular do Divino Espírito Santo, há muito desaparecido, predominou por muitos anos, como a festa de maior pompa em Bragança. Isto no período de 1850 a 1900.

Era o seu principal organizador e dirigente o Sr. Pedro José Pereira, avô do atual (1958) Prefeito de Bragança, Sr. Benedito Cezar Pereira.

A festa efetuava-se no mês de Maio; tinha início no dia de Ascensão e terminava no dia do Espírito Santo. Dez dias depois dêste, ou seja no dia consagrado a S. S. Trindade, era realizado o Pelouro, isto é, o sorteio para a escolha do Imperador ou Imperatriz. Estes eram os títulos pelos quais eram designados os que em outras festas nomeiam Juiz ou Juiza.

O que havia de singular era a posse e guarda pelo Imperador ou Imperatriz, em sua residência, enquanto durassem os festejos, da Corôa do Divino. Era uma grande corôa de prata encimada por uma pomba de ouro, que, durante os atos religiosos, era colocada em rico trono especialmente instalado na Igreja Matriz. E tôdas as noites, após a novena era a corôa levada pelo Imperador ou Imperatriz, da Igreja para a residência dêstes, com grande acompanhamento e por oficiais da Guarda Nacional, que rigorosamente fardados, seguravam o pálio (1).

Em frente à Matriz era o arraial onde se erguiam um coreto para a música e uma barraca, ao centro da praça, para o leilão. O mastro votivo era trazido e fincado ao lado da Igreja, com uma bandeira branca, em que havia uma pomba ao meio de um grande triângulo isóceles, donde se desprendiam raios divergentes.

Eram também armados, no largo, em volta do coreto da música e da barraca do leilão, outras barraquinhas onde os divertimentos, as sortes e as comidas regionais eram disputadas

por incomputável massa popular, após às novenas, máxime nas últimas noites, cujo movimento aumentava com maior afluência de pessoas vindas do interior.

O que ocorria então no arraial, com invulgar pompa, era exatamente o que hoje ainda se vê nas festas religiosas que as substituíram, notadamente a de São Benedito, com as variantes próprias de cada uma e da época.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) Mário de Andrade em "O Congo", citado por Artur Ramos em "O Folclore Negro no Brasil" (1954) — borda os seguintes comentários: — "Os Reis Congos se espalharam com abundância, num narcisismo comovente. Houve deles no Maranhão, em todo o Nordeste, na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas, em Mato-Grosso, em Goiás. Existiram nas Antilhas também. Em Cuba, reis e rainhas de Congo proliferaram tanto nos engenhos como nas cidades. Nos AÇORES êsses reinados tiveram uma transposição interessante. A devoção pelo Espírito Santo é enorme nas ilhas, e os escravos de Faial, em vez de se coroarem reis de Congo terrestres, se coroaram IMPERADORES do Divino celestial. Impérios e folias do Divino foram e ainda são tradicionais no Brasil; mas não me consta que se tenha entre nós coroado imperadores do Divino a escravos".

"No tocante ao Pará, falece razão a Mário de Andrade. Nos tempos de dantes, quando surgiu o culto ao Divino Espírito Santo, os escravos de boa índole, casados, pertencentes às casas da nata social, empunhavam o bastão e cingiam a coroa de Imperador. Isto era uma honraria para os senhores" (Nota de Paulo Maranhão Filho, da Comissão Paraense de Folclore).

Sabendo-se que a colonização e fundação de Bragança foi feita por açorianos, compreende-se sem esforço, por êsses comentários, a origem da designação e do coroamento do Imperador e Impetratriz, como juizes da Festa do Divino, aqui descrita.

Informante: — Pedro Martins de Andrade e Silva.

V

CICLO JOANINO

FESTA DE SÃO JOÃO E SÃO PEDRO

A cidade de Bragança era em tempos idos dividida por um pequeno riacho que a separava em dois bairros: o bairro da Aldeia, assim chamado por ser o antigo local do aldeamento indígena, e o bairro onde estavam os brancos e seus escravos com a Igreja Matriz, e a de São Benedito, da Irmandade de São Benedito dos prêtos.

O bairro da Aldeia foi, por isso, sempre o bairro dos caboclos; a sua Igreja era a de São João, bem ao fundo da espaçosa Praça da República, de uns 400 metros de extensão por uns 30 ou 40 de largura, sombreada por frondosas mangueiras, plantadas lateralmente em linha, em tôda a sua extensão, à margem e ao longo do rio Caité.

A Igreja de São João, que foi consagrada em 13 de Junho de 1877 permaneceu de pé até 1928; era pequena em estilo colonial, baixa e com uma torre central, onde estavam instalados dois estridentes sinos. O guardião do campanário era o velho Laurindo — ancião rabujento, porém bondoso, que servia de motêjo à petizada, nas horas de os bater, nos dias de festas. Ainda hoje nos lembramos com saudade do repinicar alegre com que o velho Laurindo dormitava de prazer badalando de modo singular o sino da Igreja de São João!

Era zelador o alferes da Guarda Nacional José Cassiano de Freitas que lhe devotava cuidados especiais. Ele era exímio pedreiro e organizava todos os anos os grupos de esmoladores, que percorriam todo o município até a zona do alto Caité. Com o produto dessa arrecadação celebrava a festa anualmente. De uma feita construiu grande corêto de alvenaria na Praça, pouco distante da Igreja, constituindo o ponto central do arraial.

As festas de São João e São Pedro tinham início no dia 18 de junho, anunciadas pela alvorada, ao amanhecer dêsse dia. A cidade despertava ao som das marchas e dobrados que a banda de música executava, ao explodir dos foguetes, bombas e ron-

queiras, e ao bimbalar festivo dos sinos da Igreja. Mais tarde eram trazidos processionalmente, os mastros votivos de São João e São Pedro, profusa e caprichosamente enfeitados com plantas ornamentais e frutas apreciadas.

Vinham carregados ao ombro de homens, mulheres e crianças; fechando a procissão os tambores, caixas de santo e estandartes.

Eram levantados ao lado da pequena Igreja de São João, ao som de músicas e das girândolas de foguetes. A noite começava a novena e depois desta o leilão, o footing, em volta do coreto, onde a Banda do Mestre Cantídio, (1) executava marchas, dobrados e músicas da época. Todo o "grand-monde" de Bragança ali estava. Os senhores e senhoras, sentados nos bancos, em volta do coreto e da barraca do leilão. Os rapazes e moças, dando voltas na praça, ora na parte iluminada do largo, ora na penumbra, em colóquios ou frequentando os bares, as sortes ou o Carroussel.

O leilão era sempre animado e o leiloeiro, o velho Montei-rinho, o Babá, ou o Inácio, dava vida ao pregão com que oferecia os bôlos, as caixinhas de segrêdo ou os cachos de pitombas (*Sapindacea — Talissa esculenta*). Estes, quase sempre adquiridos por bom preço, eram geralmente jogados à disputa da criançada. Isto se repetia tôdas às noites, até 29 do mês, dia consagrado a São Pedro. No Domingo seguinte fazia-se a derrubada dos mastros votivos e a matança do "Boi".

A tarde, na praça próxima à Igreja, se reuniam os moradores da Aldeia e de outros bairros da cidade. A banda de música tocava animadamente e o foguetório dêse cêdo atraía tôda a população.

A criançada comparecia em pêso porque sempre a ela interessava àquelas festas. Além da derrubada do mastro e da disputa das frutas amadurecidas durante a exposição ao sol, havia depois a subida do pau de sêbo, a quebra do pote, a corrida de sacos e outros folguêdos.

E quase à hora do ocaso, chegava o "Boi"; primeiro o grande grupo, com sua toada alegre ao bater cadenciado das taboazinhas, depois o vaqueiro atrás do "animal enfurecido", por longas

correrias nos campos e nas capoeiras, trazendo o sinal da fuga nos chifres, todo cheio de mato e de fôlhas verdes...

Na representação do auto, neste dia, havia a cena da morte do "Boi", e com isso, terminavam as festas.

BOI-BUMBÁ

Ao ciclo joanino, pertence a brincadeira do "Boi" no Pará. Melo Morais Filho, Gustavo Barroso, José Teixeira, e outros assinalam às festas do Bumba-meu-boi na véspera e no Dia de Reis, no Nordeste e no Sul do País.

Diz Melo Morais Filho (1946, pg. 87): — "Tirai das vésperas de Reis o Bumba-meu-boi, e ficai certos de que roubareis à noite da festa o que ela tem de mais popular em todo o norte do Brasil, e de mais nosso, como assimilação do produto elaborado".

E Câmara Cascudo comentando aquêl autor (ob. cit., pg. 86): — "Bumba-meu-boi, Boi-Kalemba, Bumbá, Boi, Reis, é um auto brasileiro, único em sua espécie, de criação mestiça sem igualdade e semelhança em Portugal e África, representação satírica onde convergem influências européias e negras, fundindo cantos de Pastorís, toadas populares, louvações, lóas dos presépios. Aparece no ciclo do Natal até Dia de Reis" (o grifo é nosso).

Não nos consta que na Amazônia o "Boi" se tenha realizado fóra da época joanina.

No Pará, logo após a Quaresma, inicia-se a organização dos terreiros e dos personagens dos grupos, e já no mês de Maio a calada da noite é quebrada pelo batuque cadenciado dos tambores, onde se ensaia o "Boi". E por tôda a parte, pelos arrabaldes das cidades, vilas e povoados e até pelos sítios, é o que ressoa durante a noite.

E a tradição vem de muito longe. Existiram "bois" cujos organizadores os mantiveram por dilatados anos, às vezes mudando os seus componentes, mas conservando o mesmo nome, o mesmo ritmo, e os mesmos costumes.

Na cidade de Bragança, conservou-se a memória dos seguintes grupos: "Boi do Cristiano Prêto", o "Pingo de Ouro",

o "Boi do João da Felipa", o "Boi Fortaleza", o "Boi do Inácio", o "Boi Bem-te-vi", e fóra da séde municipal o "Boi do Campo-de-Baixo" (2), o do Bacuriteua e o da Prata, sendo êste afamado pela valentia dos seus "brincantes".

São figuras do auto do "boi", em Bragança: — o amo e o contra amo, a filha do amo, o vaqueiro, mãe Catirina e o pai Francisco, o caipora, o pagé, o dotô, o padre, o côro constituído de seis a dez pessoas vestidas de índios, inclusive o tuchaua vistosamente caracterizado e finalmente, o "Tripa" que carrega a carcassa do "boi" e lhe imprime os movimentos.

A meninada também gosta de brincar o "Boi" como se fôsse uma cantiga de roda. Na falta do "Boi" qualquer cousa é colocada à cabeça do que encarna o papel de "tripa", especialmente um côfo (3) grande, vazio, dos que são usados para o transporte de camarão sêco. Cantando e rindo, batendo umas taboazinhas de madeira para marcar o compasso da toada, fogem às investidas do "boi", com agilidade.

* * *

A feitura do "boi" obedece a um certo esmêro, de acôrdo com os recursos de que dispõem os grupos.

Constroem primeiro uma armação de talas de madeira, finas e maleáveis, unidas e ligadas por meio de fios de algodão, guarumã (*Marantacea* — *Ischnosiphon arumã*), burutí (*Palmaea* — *Mauricia flexuosa*, Mart.) ou mesmo de cipó títica (*Aracea* — *Heteropsis funiculáris*). Pode ser tecida também inteiramente de guarumã trançado, ou de taboazinhas de burutí. Pronta a armação em forma semi-oval, semelhante ao corpo de um boi, colocam na parte interna, no lugar correspondente a costa do indivíduo que vai ficar dentro, isto é, o "tripa", uma almofada, forrando-se de papel ou de pano toda a superfície interior. Por fóra a armação é coberta, geralmente, de pano prêto, onde são colocados pedaços de papel estanhado ou dourado, com fórmaz bizarras ou de estrêlas e luas em diferentes fases. Na parte trazeira, arredondada, é afixada uma cauda pendente, quase sempre de corda de envira, terminada por grossa maçaroca. Na parte dianteira que é afunilada, assemelhando o pescoço do aní-

mal, é colocada a cabeça, ornada de autênticos chifres de boi, em riste, enfeitados de papel de côr e fitas. Por baixo da cabeça e um pouco para dentro há uma pequena abertura por onde o "boi" olha, isto é, o "tripa", de maneira a poder manobrar sem tropeços. Logo abaixo dessa abertura redonda, triangular ou quadrangular há uma pequena vara atravessada e fixada nas paredes laterais do "boi", que serve para o "tripa" pôr as mãos, de maneira a manter a estabilidade necessária nos movimentos. Na parte lateral e interior da armação, encobrindo quase as pernas do "tripa" é presa uma larga faixa de pano, em tôda a volta, chamada "barra do boi" (4). Os demais figurantes exibem roupas vistosas, exceção de Pai Francisco, mãe Catirina e os "Índios" que estão caracterizados.

Os instrumentos de música são: a rabeca, a viola, o pandeiro, o réco-réco, o tambor e a "onça" (cuíca).

O grupo, quando em forma, começa a dançar fazendo uns revolteios no mesmo lugar e quase todos cantam, acompanhando a música batendo duas taboazinhas, uma contra a outra, no compasso exigido.

* * *

Em Belém, o "boi" depois de devidamente ensaiado nos seus currais ou terreiros saía outr'ora pelas ruas da cidade em visita a outros terreiros amigos ou para dançar em casa de famílias conhecidas ou a pedido. Isto, no entanto, na capital, cidades do interior e vilarejos, ocasionava constantemente atritos, conflitos de que resultavam até mortes, tôda vez que dois "bois" se defrontavam. Por êsse motivo o Chefe de Polícia do Estado, em 1908, Dezembargador Tomaz Ribeiro, aliás bragantino, em Portaria, determinou que os "bois" permanecessem em seus currais. Ao que tudo indica esta foi uma das mais fortes razões determinantes da transformação imediata em Belém da representação do auto do "boi".

Os currais ou terreiros, antes pouco frequentados, tornaram-se centro de frequência de quantos desejassem ver o "Boi" de sua predileção. A princípio as entradas eram pagas e no centro do terreiro, em alto palanque armado, o "boi" brincava horas a fio pela noite a dentro.

O "boi" acostumado aos grandes lances de amplos movimentos, encontra dificuldades em dançar no palanque de dimensões acanhadas. O terreiro foi posteriormente transformado em Parque de Diversões. Nos terrenos alugados construíam barracas para botequins, sortes e venda de quitutes regionais, o que permitiu tornar a entrada franca nesses parques.

O grande "boi" não mais podendo dançar com certas liberdades de movimento foi transformado num pequeno "boi" colocado na cabeça do "tripa". Depois, em vez do pequeno "boi", apenas a representação natural e legítima, o pássaro ou animal que lhe dava o nome. Se o "boi" era o "Rouxinol" então em uma pequena gaiola na cabeça do "tripa", havia um rouxinol de fato, vivo. Se o "boi" era o "Quatí", então um quatí vivo era mantido pelo "tripa" que com êle dançava. O "boi" passou assim a ser "pássaro" ou "bicho"; dest'arte muitos "bois", perderam a sua organização primitiva e a dramatização do auto, aproveitando os mesmos motivos, foi pouco a pouco sofrendo radical transformação. O "pássaro" deixou o palanque e passou a ser representado no palco, em barracões transformados em teatros populares, com entrada paga, nos referidos Parques ou em palcos de casas de diversões.

A transformação do "Boi" continúa em franca evolução para teatro, isto principalmente na capital, onde a influência do cinema é considerável.

Nesta referência alusiva à transformação do auto do "boi" em "pássaro", em Belém, não pretendemos estabelecer relações antagônicas ou diferentes das encontradas por vários autores, em outras regiões, no auto do "boi", reizados, cabocolinhos, congos, ranchos, cordões, festas de Natal, etc., levando em grande conta as interpretações de natureza totêmica, citada pelos mestres e tão ao gosto de certos escritores psicanalistas ou analistas. Narrando fielmente como se passaram os fatos em Belém e sua repercussão na Zona Bragantina, não tivemos em mira quaisquer interpretações do nosso folclore. Paulo Maranhão, Filho, conhecido ensaísta, membro da Comissão Paraense de Folclore e paciente investigador de nossa historia, baseado em informantes, discorda da nossa opinião. Acatamos a sua valiosa informação, contudo essa assertiva não inválida a nossa descrição. A falta

de provas escritas, pelo menos do nosso conhecimento, nos induzem, apoiado nos fatos que são dos nossos dias, a manter o que afirmamos, principalmente, em quatro pontos: —

1.º — no tocante à identidade da motivação do auto do “boi” com a do “passaro”;

2.º — a sequência dos fatos que resultaram na transformação do “boi” em “passaro”;

3.º — a identidade do “tripa”, igualmente assim designado tanto para o que carrega o “boi”, como para o que conduz o “passaro” ou “bicho”, nesses cordões; e

4.º — finalmente, mesmo que tivessem sido organizados cordões de “passaros” anteriormente à referida Portaria policial, somente depois disso, em Belém, apareceram com maior frequência, os “passaros” e os “bichos”, com tal preponderância sobre os cordões de “boi”, que estes estão sendo relegados a um plano secundário, na preferência pública.

A Amazônia continua sendo um grande campo aberto às investigações e às pesquisas científicas de toda natureza. Na esfera do folclore muito temos ainda a colher e a estudar. Assim, tomamos o encargo de coletar e divulgar os fatos folclóricos, aqui apresentados, sem a pretensão, nesta monografia, de correlacioná-los com sobrevivências culturais e sociais ou de associá-los às reminiscências totêmicas ou historico-culturais do nosso povo.

* * *

O motivo principal do auto é a posse de um boi famoso, pelas suas qualidades e valentia, que o amo ou fazendeiro deu de presente à sua filha e confiou aos cuidados do vaqueiro. Mãe Catirina desejou comer aquêles famoso boi, pois estava grávida e com entojos. Pai Francisco, seu marido, não teve dúvidas em tentar matá-lo para satisfação de sua mulher. Desaparecido o boi, o vaqueiro chefe é chamado para dar conta do que lhe fôra confiado e êste descobre que Pai Francisco havia atirado no boi. Pai Francisco resiste à prisão e os vaqueiros confessam a sua fraqueza em trazê-lo prêso. Assim, é chamado o tuchaua de uma tribo de índios. Pai Francisco é prêso pelos silvícolas e somente será dispensado do castigo, que bem merece

pelo seu crime, se ressuscitar o boi. Aterrado, êle chama o "dotô" e o "padre" em pura perda, apesar dos esforços despendidos por ambos. É lembrado então o pagé da taba. Este depois de muitos exorcismos, danças com maracá e baforadas de cigarro envolto em tauarí (*Curataria tavary*) (5), logra o milagre de fazer reviver o "animal". O acontecimento é festejado com extrema alegria, e o bando, sempre cantando, "dá a despedida".

Em largos traços é êsse o auto do "Boi".

* * *

Em Belém está desaparecendo o "Boi" e progredindo o gôsto pelas representações dos "passaros" e "bichos", em Parques de Diversões, espalhados em vários pontos do subúrbio da Capital.

O drama obedece, mais ou menos, ao mesmo motivo do auto do "boi", e, para que se possa ter uma idéia do entrêcho dramático dêsse auto dos "passaros", o esquematizamos tomando como exemplo o grupo "Rouxinol", representado nos Parques de Belém, no ano de 1954: —

— Uma família de nobres possui um castelo numa imensa região bravia. A filha do casal gosta de passear pela floresta que circunda a propriedade, onde canoro e belíssimo rouxinol canta para seu deleite nas horas matinais. Ao caçador da propriedade ela recomenda o rouxinol de sua estimação. O irmão mais velho, Coarací, quando criança é raptado pelos índios. Na maloca êle cresce destemido, intrépido, amando Ierecê, a filha do tuchaua. Outro rebento do casal branco ama uma mulher do povo, feiticeira e afeita às práticas de magia negra. O casal de fidalgos adverte o filho do êrro funesto em nutrir essa paixão. Adinair a feiticeira, jura vingar-se, e no terreiro da macumba, em estranha cerimônia, invoca os caruanas (6) movimentando-se em passos rítmicos, desejando aos seus inimigos tôda espécie de malefícios. Um caçador branco, batendo a mata ensombrada, tenta matar o rouxinol, mas sendo surpreendido pela filha do marquês, um grito aflitivo desta suspende o seu ato impensado. Vê-la e ama-la foi obra de um momento e as cenas de amor se

sucedem em cânticos dos namorados naquela floresta amena. A marquesa passeando pela floresta cae em poder dos selvagens. É, no entanto, salva pela intervenção providencial de Coarací. A marquesa tomada de gratidão, é envolvida pelas teias de um amor criminoso, pelo seu salvador. É entretanto repudiada no seu intento, por isso arma-lhe uma cilada. Agarra-se a êle, grita por socorro e o marido acode travando-se luta entre os dois homens. Coarací se debate na má sorte e tomba ferido. Nêste momento o marquês descobre, estupefato, no pescoço do moribundo uma medalha que êle havia presenteado a seu filho, no verdor dos anos. Ambos se reconhecem, pai e filho, mas Coarací exangue, expira. O marquês desvairado pela dor suicida-se e a marquesa enlouquece, concretizando-se assim a vingança atroz da feiticeira. A bôa fada entra em cena restabelecendo a saúde de todos e promovendo a harmonia e o congraçamento geral da família e dos silvícolas numa triunfante apoteose final.

Com insignificantes variantes é êste o tema escolhido: o casal de nobres, os caçadores, os índios, o pássaro ou o bicho de estimação da filha do casal, o romance de amôr entre as principais personagens, entremeado de cenas dramáticas. Entre estas apesentam quadros de caipiras cearenses e de matutagem de caboclos do interior. As piadas apimentadas têm por tema principal a mandioca e a fabricação de farinha. Números de ballet, com graciosas garotas semi-nuas, dançando rumbas, sambas excitantes aligeiram o espetáculo. O guarda-roupa é luxuoso e extravagante: — os índios com grandes penachos, diademas cintilantes e tangas de penas multicores, dão ao conjunto um aspecto bem interessante a essas cenas de teatro mambembe. É ocioso frisar: a mise-en-cene, a marcação e a cenografia deixam bastante a desejar. No interior do Estado o “passaro” ou o “bicho” ainda não chegou a êsse requinte, pois, os Parques e os barracões com palco, ainda são desconhecidos.

* * *

Na Zona Bragantina ainda predomina o “Boi”.

Em Bragança, no domingo seguinte ao dia de São Pedro êle é definitivamente “morto” e o seu recheio distribuido em versinhos jocosos:

Chico tira a língua,
 Chico tira a língua,
 Chico tira a língua,
 Se tu qué tirá.
 A língua está dura,
 A língua está dura,
 Não qué arrancá.

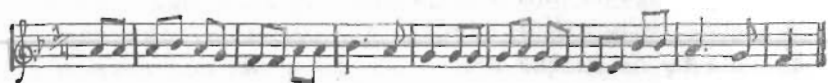
Transcrevemos a seguir alguns versos pitorescos que guardamos na memória ao tempo em que, de envolta com outros amiguinhos, no Largo da Aldeia, cantávamos nos brinquedos de "Boi", toadas de maior voga:



Eu vi barbulêta,
 Eu vi avuá,
 Eu vi barbulêta
 Nas ondas do má.



Eu fui trocá dinheiro
 levei ouro e trouxe prata,
 êh boi, êh boi, êh boi,
 boi de ouro da mulata.



Coitadinho do velhinho
 que já foi rapaz,
 sentadinho na janela,
 não namora mais.

No interior da Amazônia, onde ainda não penetraram os benefícios da civilização, as ladainhas, as festas dançantes e o "boi" são os divertimentos queridos dessas populações rurais. Nas noites enluaradas, no copiar das casas, nas beiras dos caminhos ou nos barrancos dos rios, os amigos e os vizinhos, especialmente a rapaziada, em aprazível convívio, se reúnem para ouvir os relatos dos acontecimentos mais importantes do dia ou da semana, as anedotas, os comentários de suas atividades, os amores e os escândalos sociais. O "boi" é a válvula de escape desses comentários; é o jornal falado e cantado, onde em prosa e verso, o povo diz o que quer e o que sente; ora exaltando as qualidades pessoais dos amigos ou satirizando os desafetos; ora tecendo críticas à política ou à administração. Os versinhos colhidos em vários lugares do nosso município, traduzem bem, o que asseveramos: —

Vem vê boi, morena,
 E vem consolá teu prazer
 "Couro Preto" alumiu,
 A barra é cetim laquê.

De carreira pego anta,
De chôto pego nambú,
De joelho pego paca,
Rolando pego tatú.

Tremeu, tremeu, tremeu,
Aqui no nosso chão,
Tá chegando a nossa hora,
De botar boi no moirão.
Bem-te-vi pássaro pequeno,
Surrador de gavião.

*

*

Amigo estou cantando,
Me prestem boa atenção,
Pois com uma braça de corda,
Eu chego o touro ao moirão.

O vinho feito da uva,
A cerveja da banana,
A malvada da cachaça,
Feita do suor da cana.

* * *

Eu nunca ofendi meus amigos.
Hoje eu me sinto ofendido.
Eu tenho guardado comigo
A recompensa do que eu tenho sofrido.
Vou esperar o resultado da eleição de 56
O govêrno que não vinha mais,
Que nós esperava todo mês,
Ele foi embora pro Rio de Janeiro,
Voltou pro Pará pra governá outra vez.

*

Venha vê meu povo
A Nova-Olinda do jeito que tá:
A muito tempo já não tem mais pôrto
A Intendência já mandaram escangalhá.
Na praça da Nova-Olinda ninguém pode mais andá.
Se não tem govêrno na Vila pra governá,
É bom mudá êsses impostos
pra essa cousa melhorá.
Eu vou na Intendência falá no direito
Eu quero me queixá na presença do Prefeito.

A carta que eu te mandei
Tu não mandaste a resposta,
Toda vez que te encontro no caminho
Tu sempre me vira a costa.

*

Sou cativo de agrado
Coração de quem ama
Boi urrou de manhã
Debaixo da verde rama.

..

Vaqueiro te larga de ser teimoso
Só pra mostrá pro povo
Vaqueiro bem caprichoso
O couro de "Fama" é de seda
A barra é de cetim
Comprei com o suor de meu rosto
Não deixa esbarrá no capim.

*

Quando eu morrer
Quero uma vela em minha mão
Pra me despedir de tôdas as criaturas
Quero o retrato de meu boi
Em cima de minha sepultura,
O meu pandeiro
E o meu chapéu.
Quando eu morrer vou para o céu.
Menina se te perguntarem
De onde este boi apareceu
Se te perguntarem outra vez
Tu diz que este boi é meu.

Na ilha do Meio tem um boi,
 Soube a notícia e correu,
 No Cacoal tem um garrote,
 Soube a notícia e morreu.
 Mas foi mentira não morreu
 — Foi um passamento que deu.

CAVALHADA

A véspera do dia de São João ou de São Pedro, à tarde, realiza-se a Cavalhada. O Jôgo das Argolinhas, do Brasil-colônia, admiravelmente descrita por José de Alencar em "As Minas de Prata", por Luiz Edmundo em "O Rio de Janeiro ao tempo dos Vice-Reis", por Manuel Querino em "A Bahia de outrora" e em outros autores, é praticado em Bragança, até o presente, com a denominação de Cavalhada, nome vulgarizado em todo o país (7).

Entre nós, por tôdas as suas características, isto é, por ser primitivamente realizado no período das festas juninas, como porque seus integrantes eram caboclos, sem influência dos negros ou seus descendentes, era um jôgo dêste ciclo. Todavia perdeu esta característica, pois também, por ocasião da festa de São Benedito, vem o mesmo sendo efetuado com a participação de negros ou mulatos.

O auto popular em que eram rememoradas as lutas entre cristãos e mouros, e justas entre cavalheiros e cavaleiros, não está mais na reminiscência dos participantes da Cavalhada; ou porque esta festa popular já aqui tenha chegado incompleta no enrêdo do auto, o fato é que a sua origem é ignorada. Do entrecho sòmente a disputa das argolinhas permaneceu. Por isso os proprietários de cavalos aproveitam essa oportunidade para exibirem as excelentes qualidades e os bons andares de suas montarias. Por vezes aparecem ainda dois partidos — o azul e o vermelho participando dessas disputas. Presentemente a competição reveste mais um caráter pessoal que partidário.

Um inquérito analítico seria infrutífero, pois nenhum dos participantes seria capaz de fornecer dados objetivos sôbre a gênese do jôgo nesta região.

Como veremos na descrição, nenhuma luta existe, nem passos, nem danças, nem diálogos, etc. Tudo se passa como se fôsse apenas a disputa de uma argolinha de prata e a vaidade, aliás muito natural de vaqueiros, de apresentar boas montadas, com bons andares.

* * *

A tarde do dia 23 ou 28 de junho, vésperas de São João e de São Pedro, os cavaleiros oriundos dos Campos e os da cidade, se reúnem em casa do Juiz da Festa e precedidos pela banda de música, dirigem-se à Praça da República ou Largo da Aldeia, ornamentada com bandeiras e cordões de bandeirinhas. No centro desta, de dois postes laterais e diametralmente opostos, à uma altura conveniente, é estendido um fio de arame do qual pendem as argolinhas de prata.

Chegam os cavaleiros e estacam no comêço do Largo. A banda de música toma posição perto da linha das argolinhas onde já se encontram as autoridades, a Diretoria da Festa e pessoas gradas.

A Cavalhada apresenta um aspecto garboso, com os cavaleiros ostentando camisas de côres variadas, calças brancas, gorro de tecido branco na cabeça ou chapéus de palha, algumas vezes, cobertos de pano e ornados de flores de papel, azul ou vermelho. Suas montarias, bem tratadas, se apresentam com arreios simples ou bem ajaezados.

A praça está literalmente cheia. Cavalos e cavaleiros desfilam em saudação às autoridades. Voltam depois à primitiva posição, no início da praça, e, ao sinal do juiz, em desabalada carreira, saem as duplas, uma após outra; a seguir, novamente aos pares partem os cavaleiros abraçados até o fim da praça. Terminada esta primeira exibição inicia-se o jôgo pòpriamente dito. Em veloz arrancada os cavaleiros levando na mão direita uma pequena lança de madeira, porfiam uns após outros, para enfiar e tirar a disputada argolinha, numa demonstração invulgar de agilidade. A argolinha conquistada é oferecida às senhoras e senhoritas, que retribuem essa gentileza amarrando no braço esquerdo do cavaleiro uma vistosa fita, que comprovará

as argolinhas obtidas. Assim prossegue o torneio até a última argolinha.

É interessante notar-se entre os cavaleiros um palhaço, correndo desengonçado e com trejeitos ridículos, ora sentado de frente na sela, ora de costas, ora tentando tirar uma argolinha ou causando atrapalhão entre os disputantes. É a parte cômica do jôgo.

Findo o torneio os cavaleiros não deixam escapar o ensêjo para pôr em destaque as qualidades de seus cavalos. Estabelecem-se as porfias em marcha baixa, em meia marcha e em marcha alta ou equipado sob a admiração e os aplausos dos circunstantes (8).

CHING-CHING E TUM-DUM-DUM

Há seguramente uns quarenta anos existia ainda em Bragança, duas folganças populares pertencentes ao ciclo junino, sem dúvida de origem lusitana, com um certo cunho religioso e laivos de influência indígena: — era o Ching-Ching e o Tum-dum-dum.

O Ching-Ching era realizado durante as festas de São João e São Pedro, não obstante, esta dança, parece estar ligada ao culto do Divino Espírito Santo. A figura central, um rapaz, sustinha na mão um bastão trazendo na extremidade superior uma pomba feita de madeira ou de buriti e da qual se desprendiam dezenas de fitas multicores que iam terminar às mãos das "pastoras". Estas jóvens, em número de doze (12), dispostas em duas filas paralelas, segurando a fita dançavam formando um círculo. Não havia canto e o instrumento principal era a viola. As moças, geralmente, vestidas de branco, mas descalças, bailavam ora batendo os pés, ora rodopiando, segurando sempre a extremidade livre das fitas, que nos volteios se enrolavam no bastão. Consoante à direção em que dançavam as "pastoras", o trançado multicolor se desfazia e refazia com notável perfeição, inúmeras vezes.

O que há, no entanto, de tipicamente local é o ritmo e a maneira de dançar. O rapaz que segurava o bastão central mantinha na perna direita, presa à altura do joelho uma espécie de

jarreteira de algodão trançado, com chocalhos de fôlhas de Flandres, nas pontas dos fios. Ao som da viola êle fazia tinir os chocalhos, movimentando a perna direita que projetava para a frente com batidas de pé no chão. As "pastoras" dançavam no mesmo ritmo, lançando também a perna direita à frente, batendo o pé e rodopiando ora numa direção, ora noutra.

O Ching-Ching se assemelha à dança do Pau-de-fita dos Estados do Sul do país, (9) tendo, possivelmente, a mesma origem açoriana, recebendo, no entanto, em Bragança, nítida influência indígena, que lhe deu feição local.

* * *

O Tum-dum-dum era também uma festa só de caboclos, constituída só de homens. Estes, vestidos de calça e camisa branca, descalços, formavam duas filas, ombro a ombro. Ao centro ficava um rapaz segurando um grosso moirão e cada um dos moços empunhava um bastão de madeira de dois metros de comprimento, aproximadamente. Não havia canto e o instrumento principal era um tamborim. Dançavam em alas ou formando círculo mas o que caracterizava e dava o nome onomatopaico a esta brincadeira era o modo cadenciado com que dançavam e batiam os bastões. Ao som do ritmo do tamborim, tocavam com o bastão no chão, em seguida batendo no do companheiro e no moirão central. E a cadência se repetia marcando o compasso da dança ou da marcha.

Havia três maneiras especiais de bater os bastões: — 1.º batendo com o bastão no chão e no do companheiro colocado à frente; 2.º batendo com o bastão no chão e no do companheiro ao lado; 3.º batendo com o bastão no chão e no moirão central.

Entre os melhores organizadores festejados do Ching-ching e do Tum-dum-dum, citamos: — José Primo, Raulino Elias, Manuel Japeté e o velho Frutuoso (10).

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) Cantídio de Almeida Gouveia, bahiano de nascimento, radicado em Bragança, há dilatados anos, já falecido, era o agente da Estação Telegráfica

e mestre de banda. Exímio músico, dedicou grande parte de sua vida ao ensino de sua arte, organizando a sua banda musical e tocando nas festas e nas Igrejas, nas novenas e missas cantadas. Possuía também copiosa coleção de partituras que após sua morte desapareceu totalmente.

2) *Campo-de-baixo*. A região norte do município, entre os rios Caité e Quatipurú, é toda formada de campos naturais, onde a pecuária e a cultura do fumo alcançaram grande desenvolvimento. Cheia de banhados, apicuns, campos abertos, ilhas ou têsos, no verão é seca e no inverno alagada pelas águas pluviais e transbordamento de pequenos rios. Para efeito de melhor localização dos sítios e fazendas, a população local a divide em três porções sem limites definidos, mas contíguos: Campo-de-baixo, próximos ao rio Caité; Campo-de-cima, às margens do Quatipurú e Campo-do-meio, os situados entre os dois.

3) *Côfo* — Grande cêsto de fôlhas de palmeiras, especialmente feito nas praias para o transporte de camarão e sal. Os destinados ao transporte de camarão são de um metro de comprimento por quarenta a cinquenta centímetros de altura. O remate dos bordos superiores do côfo é feito pela tala central da fôlha e o remate do fundo termina em trança, das fôlhas simples, oculta no tecido. A meninada sempre encontra um côfo, vazio, para brincar de "boi", puchando a trança do remate do fundo para transformá-la em cauda e na outra extremidade fixando gravetos de pau para servirem de chifres.

Os côfos de sal são menores: sessenta centímetros de comprimento por cinquenta de altura.

4) *Barra do boi* — Este pano com pouco tempo de uso fica muito sujo, daí a expressão popular: "sujo qui nem barra de boi".

5) *Tauarí* — Há quem afirme ser o tauarí usado como entorpecente ou alucinante "como tabaco da região". Não conhecemos êsse fato, no Pará. Ao que sabemos o tauarí é apenas a entrecasca de uma árvore (*Curataria tavy*) que, pelo amolecimento na água, dá finíssimas fôlhas que o índio e os nossos caboclos usam para envolver tão somente o tabaco, como se fôsse papel de "abade" ou mortalha, para preparar os cigarros de fumo, como no nordeste também fazem com a palha do milho.

6) *Caruanas* — Gênios ou espíritos do bem ou do mal, invocados ou baixados nas práticas de magia ou de pajelança, a quem são feitos os pedidos e a quem se atribue efeitos benéficos ou maléficos.

7) Em épocas passadas, por ocasião da maior festa religiosa do norte do Brasil — a de Nossa Senhora de Nazaré — era também realizada a Cava-

lhada em Belém, com a denominação de Jôgo à Argolinha (Comunicação de Paulo Maranhão, Filho).

8) O valor de um bom cavalo de sela, para passeio ou para viagens, é aquilatado pela habilidade com que êle marcha ou esquipa. O trote não é apreciado pelos nossos cavaleiros. Cavalo que apenas sabe trotar, andar de chôto ou galopar, é chamado "sendeiro" e apenas serve para vaqueiragem ou transporte de carga com a cangalha.

9) J. Grelier (1956), em recente trabalho, descrevendo o culto de São Benedito na Venezuela, cita uma dança e canto muito semelhante a do Pau-de-fita. É curioso notar-se que a indumentária com fitas multicores, não difere muito dos trajes da Marujada de São Benedito de Bragança.

10) O Tum-dum-dum se assemelha a outras danças de bastão conhecidas no Brasil, v. g. Maculelê, na Bahia, Moçambique, em São Paulo e Goiás, Dança do Vilão, em Santa Catarina, etc. Parece, entretanto, existir no Tum-dum-dum, nítida influência indígena, seja pelos baques no chão, lembrando as danças com bastões dos nossos índios, seja pelas batidas no moirão central, que dão a esta dança diferença específica. Tratando-se de folclore extinto, não conseguimos ainda a música usada tanto no Tum-dum-dum, como no Ching-ching.

Informantes: — Luiz Belém e Pedro Martins de Andrade e Silva.

VI

ESMOLAÇÕES DE SANTO E LADAINHAS

Quem vê pela primeira vez uma comissão de santo em esmolações, pelo nosso interior, e ouve o bater cadenciado e plangente de uma caixa de santo, acompanhada pelo flautim de imbaúba (Moracea — *Cecropia palmata* e outras), certamente não se esquecerá jamais. Os grupos por vezes numerosos andam por determinada zona do município, quando se trata de um santo de Igreja ou capela local e por várias zonas do município, quando se trata de santo da cidade, como as esmolações em benefício de São Benedito. Estes grupos são solicitados a visitar as residências dos promesseiros. Não raro as famílias fazem promessas dando animais ao santo devoto, como por exemplo: — galinhas, patos, carneiros, bois e cavalos. As promessas quando pequenas, são entregues às comissões na ocasião da visita; as outras maiores são entregues diretamente ao Procurador da Irmandade, às vésperas do dia de São Benedito, para o grande leilão, depois da missa. A mesa de leilão, nessa ocasião parece mais um grande bazar, tal a variedade de cousas a leiloar: desde o franguinho, boi ou cavalo ou desde o cacho de pitombas, a um número às vezes considerável de arrôbas de tabaco.

As comissões de santo obedecem, durante as caminhadas a pé, a seguinte ordem: à frente, dois porta-bandeiras com os estandartes do santo, os quais vão entrelaçando os mesmos em movimentos típicos, ora para um lado ora para outro; logo após um homem ou mulher, melhor vestido, com uma grande toalha branca, de magnifico bordado e renda, à tiracolo, levando nas mãos o Santo e a seu lado uma pessoa com um guarda-chuva aberto para abrigar do sol ou da chuva; atrás os tocadores: uma caixa de santo, um flautim, a viola, a "onça", tambores e pandeiros.

As viagens se fazem a pé, a cavalo, em montarias ou em canôas à vela, conforme a região que percorrerem.

É um dia festivo a chegada dos esmoladores. Eles são generosamente obsequiados nas residências dos promesseiros. O dono da casa hospeda não somente os esmoladores como os

acompanhantes durante um ou dois dias. Os vizinhos se reúnem trazendo também as suas oferendas. As mesas de almoço e jantar se sucedem e o café é oferecido a intervalos regulares e frequentes.

Ao chegar à casa de um devoto, só a caixa toca cadenciadamente — bem-bam, bem-bam, e assim levam o santo para a sala da casa, onde é logo improvisado um altar sôbre uma pequena mesa. Se é tarde do dia, aí fica para passar a noite.

Mal escurece, depois do jantar, os tambores são percutidos chamando os moradores da vizinhança. Em dado momento, anunciando o início da ladainha, a caixa de santo é batida — bem-bam, bem-bam, reclamando silêncio. Há um certo quê de místico, no toque dessa caixa, pois impõe silêncio e provoca respeito a todos os circunstantes.

Os rezadores ajoelham-se em frente ao altar improvisado, geralmente três homens, iniciando a ladainha, a três vozes, cantando a folia e fazendo côro as mulheres. Em seguida é rezada a ladainha propriamente dita e finalizando o bendito, sempre fazendo côro as mulheres e demais assistentes.

As ladainhas, nas residências de nossos caboclos do interior, ou são feitas pela presença de uma comissão de esmoladores ou em dia de santo da devoção da família, em dias fixados, anualmente. Os vizinhos de tôda a redondeza são convidados com bastante antecedência e muitas vezes, durante alguns dias são rezadas, logo ao anoitecer e em sequência, em barracões adrede preparados, os bailes, noites e dias seguidos. Depois da ladainha, em certas ocasiões há leilão de oferendas ou de cousas especialmente confeccionadas para isso, predominando os produtos de mandioca e macacheira, como sejam: — alqueires de farinha d'água e sêca, beijús, bôlos, rôscas, etc. (1). Enquanto isso, é vendido ou distribuído aos presentes a manicuêra (2), o mocoioró (3) e até mesmo, às vezes, a maniçoba (4).

A cachaça nem sempre é parcimoniosamente distribuída ou consumida, daí não raro, estas reuniões, terminarem em “esgrú” (5) e cacetadas, facadas e até morte.

Os nossos caboclos, essencialmente católicos por tradição, rezam essas ladainhas geralmente, imbuídos do maior respeito e fé. A doença, os insucessos na lavoura e até mesmo epidemia

em animais são causas predominantes de suas promessas, constituídas especialmente em dádivas, ladainhas ou receber esmoladores e os manter um ou dois dias em suas residências.

A ladainha, no entanto, é por vezes cantada pelo simples prazer de cantar alguma cousa, quando trabalham em conjunto.

As companhias de lanço dos pescadores, navegando os nossos rios, em busca dos pontos de pesca, descem em suas canôas, junto à margem e à sombra dos mangais, ao bater cadenciado dos remos, quebrando a monotonia e o silêncio do rio enluarado. Em dado momento, cessando aquêlê ruído, os pescadores em três ou quatro vozes começam a cantar uma ladainha, enchendo de sons e écos, os estirões do rio, de ponta a ponta. No silêncio da noite, ao sussurar da brisa e do marulho da correnteza do rio, êste cantochão tem a sublimidade de um áto de fé a chocar-se com a natureza exuberante e iluminada, para receber, da humildade dos sentimentos dêsses pescadores, êsse hino de alegria, esperança e fé, com que lá se vão cantando, horas a fio, descendo o rio, ora na cadência dos remos, ora cantando uma ladainha, ora na toada de cantigas de “boi”.

* * *

Uma comissão de esmolação de santo ao chegar em uma casa, primeiro canta a folia; à noite a novena e o bendito, e para sair, novamente a folia de despedida.

Recolhemos os seguintes versos de folias : —

Deus salve a dona da casa	Quando eu vejo cantoria
quem encontrou São Benedito	Na cantoria também vou
Na sua casa de aurora	Valha-me, valha-me a Virgem
Bom Jesus seja consigo.	[Maria
	Que é mãe do Salvadô

*

*

Abre a porta do sacrário	Abre-se a porta do céu
Que eu quero rezar lá dentro	Para ver o que havia
Eu quero pagar uma promessa	Havia uma formosa luz
Eu devo pro sacramento	No rosário de Maria

Abre-se a porta do céu
A muito tempo não se abria
Para entrar irmão devoto
Filho da Virgem Maria

La vai, lá vai São Benedito
Com sua bandeira voando
Deixando o dono da casa
Com seus filhinhos chorando

*

*

Vamos dar a despedida
Em cima do sacramento
Entrou com alegria
Apartai com sentimento

Sr. Sr. São Benedito é nosso
[Imperador
Deus salve. Deus salve
Eu quero que ele me salve
Quando deste mundo eu fôr.

*

Deus vos pague e agradeça
Quem nos fez este favô
No reino do céu se veja
Nos pés de Nosso Senhor

* * *

Meu mano vâmo cantá como irmão
O Sinhô São Benedito há de nos dá a salvação.

*

Meu companheiro me ajuda,
meu companheiro me ajuda,
Deus lhe bote em bom lugar.

*

Meu sinhô São Benedito me ajuda
tenha muitos anos de vida neste mundo.

*

Se ajuntá costa com costa
quem apanha num é só eu.

Vou subindo para o céu,
pelo um fio, pelo um cordão,
numa ponta vai São Pedro,
na outra vai São João,
no meio vai um rosário,
da virgem da Conceição.

*

Abre a rosa gira-sol,
do botão acende a luz,
nasceu um cravo e uma rosa
no sacrário de Jesus.

*

Cheirou cravo e cheirou rosa,
cheirou flôr de laranjeira,
O sinhô São Benedito,
é o nosso pai verdadeiro.

*

Vamos cantá a despedida,
nós queremos apartar,
adeus oh! pombinha branca
e adeus ch! pomba do ar.

*

Vou-me embora,
vombora, vamos andando,
eia, eia!
a despedida estou dando.

* * *

Benedito Cezar Pereira recolheu as seguintes coplas de feliões tiradores de esmolos para São Benedito: —

Meu Sinhô São Benedito	·	Todos nós bem lhe queremos
Meu Sinhô São Benedito		Todos nós bem lhe queremos
Venha do céu por favô	—	E semo da sua lei
Venha do céu por favô	—	E semo da sua lei

Venha dá a sua bênça	·	Portanto sinhô do céu
Venha dá a sua bênça		Portanto sinhô do céu
A quem seja sofrêdô		As nossas almas benzei
A quem seja sofrêdô		As nossas almas benzei.

PUTIRUM

Entre nossas populações rurais escasseiam os braços para o trabalho das roças. Os mais pobres fazem o seu próprio roçado. Acontece que numa determinada região todos os habitantes à mesma época se ocupam de idênticos misteres. Por esse motivo recorrem ao putirum, que é um auxílio mútuo. O putirum sendo assim uma primitiva manifestação de cooperativismo, não tem sido, infelizmente, aproveitado pelos nossos administradores, para incutir no ânimo do nosso povo, as vantagens da cooperação coletiva. Este auxílio recíproco se fôsse generalizado, melhores frutos daria.

O putirum é largamente conhecido em todo o Brasil e também em várias regiões da Amazônia. Praticado pelos nossos silvícolas, transmitido aos nossos caboclos, infelizmente é poucas vezes aplicado nos seus mais afanosos lazeres. Aqui é mais conhecido pela denominação de putirum, mas não desconhecem o termo mutirum ou mutirão e "adjutório" ou "ajutório", sendo que em Marapanim "ajutório" é empregado quando o trabalho ultrapassa 24 horas.

Na zona Bragantina o putirum é empregado nos serviços agrícolas e no Salgado também em serviços de pescaria. Aliás as "companhias de lanço", não são mais do que um putirum, em que o trabalho é devidamente distribuído e a colheita judiciosamente repartida. Esta organização do "lanço" é encontrada em tôda a costa marítima desta Zona, com grande proveito de seus participantes (6).

A lavoura do município também é beneficiada pela prática do putirum, mas infelizmente, sem assistência e sem a pertinácia que deveria existir.

Em nossos campos se realiza com mais constância o putirum, principalmente ao tempo da viração (7), do plantio e das destalações do tabaco. Não é comum, entre os plantadores, o uso do arado. Utilizam de preferência a enxada o que exige um certo número de homens robustos. Os amigos, os vizinhos e moradores das cercanias, se congregam para virar a terra adubada previamente pelo esterco animal, desde manhã cedo até ao descaçar do sol. O almoço é servido às expensas do proprietário, via de regra, uma feijoada e "peixe do mato" (8) ou seco, cozidos em vinagreira (*Hibiscus sabeariffa* — Malvaceae), maxixe (*Cucumis anguria* — Cucurbitaceae), quiabo (*Hibiscus esculentus* — Malvaceae), jurumum (*Cucurbita máxima* — Cucurbitaceae) e regado com bons "goles de cana".

O tabaco (9) de Bragança é um tipo muito gábedo de fumo, conhecido por quantos se dedicam a essa cultura. As suas fôlhas são grande e têm nervuras grossas as quais são retiradas por um sistema especial de preparação, com o nome de destalação. Isto é feito fôlha por fôlha; torna-se assim indispensável elevado número de pessoas para essa tarefa. Por isso, recorrem ao putirum convidando-se de preferência os moços e as moças. É um tarbalho alegre ao qual ninguém falta. De quando em vez corre o café e constituem a nota atraente dessas reuniões, os ditos, as anedotas, estórias engraçadas, e oportunidades bem aproveitadas pelos namorados.

Em certos lugares da Zona Bragantina o putirum é antecedido de "benzições" (10) propiciatórias às boas colheitas. Há também certas restrições à presença de mulheres menstruadas ou nos primeiros meses de gravidez. Ao "mau olhar", especialmente das pessoas nêsse estado, é atribuído o pouco desenvolvimento das mesmas.

Sendo o putirum praticado em todo o país e largamente conhecido através de inúmeras publicações, aqui apenas descrevemos o que nos pareceu peculiar à região ou ligado às atividades das micro-áreas em que êle é mais comumente realizado.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) É o complemento indispensável da alimentação de toda a população do hinterland, sendo o produto agrícola de maior exportação desta região. O estudo tecnológico do emprêgo da mandioca, na Amazônia, sob o ponto de vista alimentar, pode ser compulsado em trabalho do autor — Estudo preliminar das áreas ecológicas e alimentares do Pará (1954), no qual esses produtos foram classificados: —

- A) FARINHAS: — D'agua, sêca, cariman, e de tapioca.
- B) MASSAS: — Amido ou tapióca de goma e massa puba.
- C) BEIJÚS: — De tapióca, sica e de massa puba.
- D) BEBIDAS: — Tiquira, mocoioró ou guariba, e chibé.
- E) COMIDAS: — Manicoêra, tacacá e maniçoba.
- F) CONDIMENTOS: — Mólho de tucupí e mólho de pimenta ao tucupí.

2) Manicuêra é um mingau de arroz feito no suco da mandiocaba (variedade de maniva). Esta variedade é de um doce sui-generis, lembrando o doce do maná. Este mingau é cozido durante vários dias até que o arroz esteja quase com a consistência de papa. É geralmente servido frio.

3) Mocoioró, também chamada *guariba*, é uma bebida feita da fermentação de grandes beijús de massa puba.

4) Maniçoba é um cozido feito no caldo de fôlhas de maniva (maca-cheira ou mesmo de mandioca mansa) em que essas fôlhas foram previamente trituradas e cozidas durante dias seguidos, ao qual é adicionado cabeça de porco, carne sêca e víceras de gado, até tudo ficar bem mole.

5) Esgrú significa briga, barulho, bagunça, e, as vezes, também forró.

6) Maiores esclarecimentos sobre o estudo das embarcações usadas na costa bragantina, bem assim dos métodos de pesca comuns nessa Zona, podem ser obtidos compulsando-se o trabalho do autor — *Canoeiros e Pescadores* — Tese apresentada ao III Congresso Brasileiro de Folclore, Bahia, 1957.

7) Viração é vocábulo que exprime o ato de virar a terra para a lavoura. É geralmente feita com a enxada e por isso é um trabalho exaustivo. Ultimamente um ou outro agricultor dos campos já usa o arado, de tração animal, para a viração.

8) Peixe da cabeceira dos cursos d'agua ou apanhados nos alagados dos campos. É geralmente pescado à noite com fachos (fachiar) ou lanternas

(lanternar), ou com um instrumento de pescaria, de talas de madeira ou guarumã, chamado *socó*. Este paneiro é de forma cônica com a parte maior aberta para baixo e extremidade superior afunilada também aberta, por onde o pescador intruz a mão para pegar o peixe.

9) O fumo bragantino não é preparado em fôlhas prensadas; estas amadurecidas são entaniçadas. Taniças são cordões de envira (entrecasca da envira — *Funifera utilis* e outras) ou de corda fina de manilha, com quatro ou seis fôlhas de tabaco presas pelos talos, de dez em dez centímetros, numa extensão de quatro a cinco metros. As taniças são estendidas em lugar sombreado e ventilado. Decorridos alguns dias, as fôlhas sêcas e macias, são retiradas da taniça e destaladas, geralmente ao cair da noite. Terminado o serviço são postas ao sereno até ao dia seguinte, quando então são fabricados os molhos. Colocadas as fôlhas sôbre uma mesa e previamente pesadas são empilhadas em camadas pouco espessas, do comprimento de um e meio metro, por quarenta centímetros de largura, tendo as extremidades menos espessura do que o centro. As fôlhas são assim bem acamadas e enroladas em forma fusiforme e amarradas com envira, recebendo então o nome de molho. Alguns dias depois os molhos são mais apertados e amarrados com corda fina de envira ou manilha, denominada a "corda de amarrar tabaco". Algum tempo após, variável com a fermentação sofrida pelas fôlhas, fermentação esta controlada por uma verruma (instrumento mais ou menos semelhante á dos carpinteiros), em que é atingido um grau desejável para a massa, que se apresenta negra ou castanho claro ou escuro, macia e forte, o molho é definitivamente enrolado em cordas de muruti (cordas finas das fôlhas do buritizeiro — *Mauritia flexuosa*).

Quatro molhos formam uma arroba de tabaco, em um só amarrado, pesando quinze quilos e assim prontos para exportação.

10) Benzições — vocábulo equivalente a benzimentos ou benzeduras.

VII

FESTA DE SÃO BENEDITO

O culto divino de São Benedito é um dos maiores e mais antigos de Bragança. Remonta a 1798, quando foi fundada a Irmandade, que desde então tem mantido esta festividade com o mesmo brilho e fervor religioso.

Reza a tradição que os escravos pediram permissão aos seus senhores para erguerem uma Igreja ao Santo, de profunda devoção entre os negros, bem assim uma confraria.

O primeiro Compromisso da Irmandade é de 3-9-1798, assinado pelas seguintes pessoas: — Pedro Amorim, Simiam da Costa, Pedro Rodrigues, Luciano de Amorim, Francisco Pereira, Francisco Ferreira, Matheus Ferreira, José Manuel, Xavier Felipe, Barnabé Pinto, Domingos Ribeiro, Antônio da Cunha, João Divino e Calisto da Costa.

Tempos depois organizou-se um segundo Compromisso ou Estatuto, porque o primeiro era “escaço em providências que se acham neste; e não estar aprovado pelo poder temporal como é de lei” (1). Traz a data de 1-5-1853 e o assinaram: — José Albano de Melo a rogo de Raimundo Antônio Vieira, Agostinho de Brito a rogo de Athias Antonio da Silva Ribeiro, Antônio da Silva Nery a rogo de Miguel Arcanjo da Silva e muitos outros.

Finalmente surgiu um terceiro Compromisso que é aprovado em Assembléia Geral da Irmandade em data de 7-7-1946. Por motivos óbvios tornou-se uma sociedade de personalidade civil, de acôrdo com as leis brasileiras, com o apoio de: — Flodaldo de Oliveira Teixeira, Benedito Augusto Cezar, Luiz Paulino dos Santos Mártires, Tomás dos Santos Martins, Manoel Serapião da Mota, Sebastião Ancho Barbosa, Manuel Inácio Martins Pereira, Cândida Maria de Mercês, Odorico Antônio do Nascimento e muitos outros.

Em épocas recuadas dezesseis Irmãos Constituidores eram incumbidos de sua administração. Usavam, como insígnia, uma imagem de São Benedito, em prata, de mais ou menos quinze centímetros, prêsa ao peito, por uma fita. Ao que parece os últimos Irmãos Constituidores foram êstes: — Raimundo Preti-

nho (pai de D. Serafina), Veríssimo, Roberto, Mestre Belém e João Luz.

A Igreja de São Benedito, se nos louvamos na tradição, foi a primeira desde o tempo da fundação de Bragança. Tendo os escravos construído sua Igreja, que é a atual Matriz, foi por consentimento recíproco dos interessados trocada a propriedade dos templos. Os negros conservaram a então Matriz e a paróquia investiu-se na posse da novel Igreja erecta pelos prêtos. Transfluidos 160 anos da instituição da Irmandade as festas têm sido celebradas, sem interrupção, desde aquela época. Possui valioso patrimônio e a sua Igreja apresenta um aspecto de esmerado trato. Durante êsse dilatado tempo, outras Irmandades fundadas, desapareceram com vultosos bens.

A festa inicia-se a 18 de dezembro e termina a 26 do mesmo mês, dia consagrado a São Benedito (2), sendo há longos anos, a mais brilhante e a mais concorrida do município.

Os atos religiosos são efetuados pelos padres da paróquia e constam de novenas, missa cantada à grande instrumental, no dia 26, procissão à tarde e ladainha à noite.

A Igreja ergue-se na frente da cidade, ao alto do barranco do rio na Praça Primeiro de Outubro. Por ocasião da festa o "Largo" recebe vistosa ornamentação. Ao centro do arraial, um coreto de madeira é destinado à banda de música e ao lado um pequeno barracão para os leilões. À esquerda da Igreja é construído o barracão da Marujada, onde dançam tôdas às noites.

Fronteiro à Igreja, entre as palmeiras reais, plantadas no cimo do barranco do rio, é levantado o mastro votivo do santo, no primeiro dia da festividade. Após a alvorada, às seis da manhã, a banda de música e a Irmandade vão buscar o mastro, que é trazido processionalmente até o local designado. Este mastro a exemplo dos das demais festas, é todo enfeitado de fôlhas, frutos e encimado por uma bandeira branca, com a effigie do Santo. Os porta-estandartes vêm à frente e atrás os esmoladores e os tocadores rufando os tambores, caixa de santo, tamborins e "onça".

Desde Junho três grupos de esmoladores recebem imagens de São Benedito. Percorrem o município nos seus mais remotos pontos e até os municípios vizinhos, angariando espórtulas

dos devotos. O primeiro grupo visita a região dos campos e a costa marítima do Caité ao rio Quatipurú. O segundo grupo o alto Caité e o terceiro grupo penetra a costa oceânica do Caité ao Gurupí e a parte central dessa região. No primeiro domingo antes do comêço da festa, chegam os santos à cidade. A recepção é pomposa. No "Padilha", local à margem direita do Caité e a pouca distância, se reúnem os esmoladores, em hora dependente da maré de enchente do dia. Saem da cidade inúmeras canoas, barcos e lanchas em busca do santo, numa verdadeira procissão fluvial. É um espetáculo grandioso; na vanguarda do préstito a lancha "Gurupí" conduz o santo, os esmoladores e tocadores. Em pé, na prôa da embarcação, dois porta-estandartes fazem o entrelaçamento das bandeiras. Na cidade a banda de música executa alegres dobrados e o espocar de girândolas de foguetes e os vivas da incomputável massa que se cumpre em tôda a margem do rio, dá uma nota festiva à recepção.

O glorioso São Benedito é recebido na residência do Sr. Caramujo e daí, dias depois, é recolhido à sua Igreja.

A Igreja é de estilo colonial, com uma tórre lateral esquerda e a sacristia do mesmo lado. A fachada é um quadrilátero encimado por um triângulo isóceles, tendo no ápice superior uma cruz de ferro iluminada. Há uma só porta de acesso ao salão, com janelas do côro ao alto. A tórre, de cêrca de 20 metros de altura, sustem dois sinos. Nas paredes externas e internas e nos pequenos altares, nada existe de escultura nem digno de especial reparo. Encravado no fundo do salão está o altar-mór, de feitura singela, não sendo o primitivo, pois há poucos anos sofreu radical restauração.

Os últimos procuradores da Irmandade foram os Srs.: — João da Cruz Pacheco, comerciante, já falecido; Flodoaldo Teixeira, industrial, também falecido; o notário público Antônio D. Miranda; Ocimar Fernandes e, presentemente, Arsênio Silva, aos quais foi confiada a missão de guardiões e zeladores de precioso patrimônio.

MARUJADA

Marujada é dança conhecida em todo o Brasil; trata-se de

um auto dramatizado da tragédia marítima da nau Catarineta e onde predomina o canto sôbre a dança.

Do folheto "A Marujada", publicação da Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura de São Paulo, que nos parece ser de autoria de Nicamor Miranda, transcrevemos o seguinte trecho: — É sabido que desde a época das navegações, estas foram celebradas em bailados e entremesses, em Portugal. Tais tradições, transportadas para o Brasil fixaram-se num bailado popular que provavelmente em fins do século XVIII ou princípios do seguinte, recebeu organização mais ou menos erudita de poetas certamente alfabetizados. Generalizou-se então com o título de "Chegança de Marujos", nome ao que parece já completamente esquecido da bôca do nosso povo. Mas no Nordeste o bailado persiste ainda bem vivo, de feição nitidamente popular e mesmo folclórico, dotado de peças musicais anônima e de movimentação coreográfica e dramática tradicional, exclusivamente organizada por pessoas do povo". E a seguir: — Abandonamos a denominação "Chegança de Marujos", usada em livros eruditos como os de Silvio Romero e Melo Morais Filho, não só por não existir mais atualmente no povo, como porque nada prova ser ela uma denominação folclórica. O bailado atualmente tem diversos nomes que variam de região para região, chamam-se "barca" na Paraíba e "Fandango" no Rio Grande do Norte, outro nome bastante espalhado é o Marujada, por nós escolhido definitivamente".

Escreve Melo Morais Filho (1946, pg. 206): — "É o cordão dos marinheiros que puchando um navio conduzindo uma âncora, um mastro, etc. anuncia nas ruas a *chegança dos marujos*. Caboclos, cabras, crioulos e pardavascos, lindos, ágeis, vestidos à maruja fardados, fantasiados com propriedade, incumbem-se de seus papéis, indo desempenhar a *chegança* numa praça.

Imitando o balanço do bordo, seguidos das figuras principais, lá passam cantando uma canção, que prenuncia o combate:

Ó nau fragata, ó nau fragata,
marcha para a guerra!...
É lô...

Se não for por mar,
há de ser por terra!...
É lô...”

A Marujada de Bragança em nada se assemelha ao auto marítimo existente em todo o Brasil com o nome de “Chegança de Marujos”, “Barca”, “Fandango”, etc. Ela é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina. Constitue uma organização profana à parte da Irmandade de São Benedito, amparada pelos atuais Estatutos.

Há uma origem comum da Marujada com a Irmandade de São Benedito. Quando em 1798, os senhores acederam ao pedido de seus escravos para a organização de uma Irmandade e foi realizada a primeira festa em louvor de São Benedito, os negros em sinal de reconhecimento, incorporados, foram dançar de casa em casa dos seus benfeitores. No ano seguinte nova manifestação de agradecimentos, com danças à porta, ficando como praxe, daí por diante essas exhibições coreográficas. Esta é pois a tradição da origem da Marujada em Bragança. E tanto é assim que a Marujada sòmente sae para dançar nas ruas de Bragança, no dia de Natal, no de São Benedito e no dia 1.º de Janeiro, muito embora desde o início da festa compareça aos seus barracões, para ensaios, e dança, tôdas as noites.

* * *

A Marujada é constituída quase que exclusivamente por mulheres, cabendo à estas a sua direção e organização. Os homens são *tocadores* ou simples acompanhantes. Não há número limitado de marujas, nem tão pouco há papéis a desempenhar. Nem uma só palavra é articulada, falada ou cantada, como auto ou como argumentação. Não há tão pouco dramatização de qualquer feito marítimo, nem qualquer referência à nau Catarineta. A nossa Marujada é estritamente caracterizada pela dança, cujo motivo musical único é o retumbão.

A organização e disciplina é exercida por uma *Capitôa* e por uma *Sub-Capitôa*. A primeira *Capitôa* foi eleita pelas marujas em assembléia mas daí por diante é a *Capitôa* quem escolhe a

sua substituta, nomeando a *Sub-Capitôa*, que sòmente assumirá o bastão de direção por morte ou renúncia daquela.

As Marujas se apresentam tipicamente vestidas: — usam uma blusa ou mandrião branco, todo pregueado e rendado e a saia, encarnada, azul ou branca com ramagens de uma dessas cores, é uma grande saia rodada indo quase ao tornozelo. A tiracolo cingem uma fita azul ou encarnada, conforme a ramagem ou o colorido da saia; na cabeça ostentam um chapéu todo emplumado e cheio de fitas multicores e no pescoço trazem um colar de contas ou cordão de ouro com medalhas.

A parte mais vistosa dessa indumentária é o chapéu cuja base ou chapéu pròpriamente dito era antigamente feito de feltro, côco ou cartola; os de fabrico moderno são de carnaúba, palhinha ou mesmo de papelão. Seja qual fôr o material empregado na estrutura básica do chapéu, êle é forrado na parte interna e externa. A aba com papel prateado ou estanhado; lateralmente com papel de côres; e em tôrno, formando um ou mais cordões em semi-círculo, prêsos nas extremidades, em pontos equidistantes, são colocados voltas ou alças de casquilho dourado, prateado ou colorido. Entre as alças, por cima das voltas, são também colocados espelhos quadrados ou redondos. Ao alto plumas e penas de aves de diversas cores, formam um largo penacho com mais ou menos cincoenta centímetros de altura. Da aba, na parte posterior do chapéu, descem ao longo da costa da maruja, numerosas fitas multicores. O maior número ou largura das fitas, embora não indicando hierarquia, é reservado às mais antigas.

Os homens, músicos e acompanhantes, se apresentam de calça e camisa branca ou de côr, chapéu de palha de carnaúba revestido de pano, tendo a aba virada de um dos lados, fixada com uma flôr de papel encarnada ou azul, e são dirigidos por um Capitão.

Os instrumentos musicais são: — tambôr grande e pequeno, a "onça" ou cuíca, pandeiros, rabeca, viola, cavaquinho e violino.

Na rua, as marujas caminham ou dançam em duas filas indo à frente de uma delas a *Capitôa*, e à frente da outra a *Sub-Capitôa*, empunhando aquela um pequeno bastão de madeira,

enfeitado de papel, tendo na extremidade superior uma flôr. Atrás e ao centro, fechando as duas alas vão os tocadores e os demais marujos.

Em fila a dança é de passos curtos e ligeiros, em volteios rápidos, ora numa direção, ora noutra, inversamente. Assim elas caminham descrevendo graciosos movimentos, tendo os braços ligeiramente levantados para frente à altura da cintura, como se tocassem castanholas. Dançando obedecem a música plangente do compasso marcado pelo tambor grande em ritmo de "bagre".

A Marujada dança preferentemente nos seus barracões situados, um ao lado da Igreja e o outro próximo à casa do juiz ou juíza. Sae à rua nos dias de Natal, São Benedito e 1.º de Janeiro e não recusa os convites, para dançar, em casas de família, iniciando as mesmas, com a reverência tradicional de seus antepassados.

A 26 de Dezembro, consagrado a São Benedito, há na casa do juiz um lauto almoço do qual participam tôdas as marujas e pessoas especialmente convidadas. O jantar é oferecido pela juíza, à noite dêsse dia. A 1.º de janeiro o juiz escolhido para a festa seguinte é o anfitrião do almoço dêsse dia. Durante o ágape é transmitido ao novo Juiz da Festa, o bastão de prata, encimado por uma pequena imagem de São Benedito, que é o emblema do juiz, usado nos atos solenes da festividade.

Da descrição da Marujada ressalta quanto ela é diferente das "Cheganças de Marujos", das demais unidades federativas. Por que então o nome de Marujada? É termo ainda não explicado. Pensamos todavia que a palavra foi empregada, pela analogia certamente encontrada, pelos bragantinos de então, com as festas de Marujada, Chegança de Marujos, Barca e Fandango, de outros pontos do país, anteriores à nossa Marujada e certamente no conhecimento das nossas populações daquela época.

Ocuparam o cargo de *Capitôa*, desde a sua fundação até o presente, as seguintes pessoas: —

Leocádia Maria da Conceição, escrava de José Caetano da Mota.

Serafina Maria da Conceição, até 1928, quando faleceu.

Olímpia Maria da Conceição, deixou a função em 1933, por sua vontade, sendo substituída por:

Silvana Rufina de Souza, nascida em 10 de Julho de 1867 e falecida em 26-11-1948.

Maria Agostinha da Conceição, atualmente *Capitã*, sendo que sua *Sub-Capitã* era Cândida Maria de Moraes, falecida em 31-4-1957, sendo substituída por Benedita Tamanquinho.

Exerceram o cargo de Capitão, dirigindo os homens: — 1.º Estevão; 2.º Calixto; 3.º Jorge Francisco da Silva; e 4.º, atualmente, Raimundo Epifânio.

RETUMBÃO

A dança de preferência da Marujada é o Retumbão. O seu compasso musical e rítmico é o do lundum. Parece-nos que o retumbão é o próprio lundum, que nos ficou com aquêlê nome, insulado neste grupo, em Bragança, sem ter sofrido as influências da civilização, que o modificou progressivamente da senzala ao salão aristocrático.

Comparando-se o nosso retumbão ou o lundum primitivo, como pensamos nós, com as descrições feitas sôbre o lundum dançado nos salões aristocráticos do Brasil ou da Europa, em que êle apareceu com características extremas de uma música e uma dança exótica, lúbrica e sensual, o nosso retumbão é menos cheio dêsses requebros excitantes, predominando sôbre isso, a preocupação dos passos coreográficos. As maneiras e o donaire com que é dançado, lhe dão certas características próprias, embora se possa reconhecer na música cadenciada pelo tambor grande e no estilo da dança, um ritmo primitivo. Se o lundum, em Bragança, ficou insulado, nêsse isolamento, manteve as formas primitivas da dança original. Assim, menos influenciada de ritmos extranhos, essa dança, formalística e mais de acôrdo com a índole dos negros, é dançada no compasso dos instrumentos musicais africanos, introduzidos pelos escravos.

No lundum os circunstantes formam roda, batem com as mãos o ritmo e um só par dança. No retumbão os circunstantes também fazem roda sem no entanto, marcar o compasso por meio de palmas e geralmente dois pares dançam de uma só vez.

O homem vai, em primeiro lugar, sòzinho, dançar no salão; executando rápidos revolteios, convida a dama fazendo ligeiro aceno com a mão e batendo mais fortemente o pé em direção da escolhida. Dançam sempre dois a dois, separados, fazendo círculos, em tórno do salão em volteios ligeiros, ora para à direita, ora para à esquerda, estalando fortemente os dedos como castanholas. Os homens acompanham as mulheres, ora na frente, ora atrás, seguindo-lhes os passos como se fôsse uma fuga interrompida bruscamente ora numa direção ora noutra, incitados pelos meneios da mulher. Assim dançam muito tempo; dançam até um cansar, quando então, batendo duas vezes com o pé no chão se retira da roda o que está fatigado. O que fica dançando faz sòzinho alguns revolteios pelo salão após o que escolhe o seu par batendo o pé no chão fortemente e com a mão lhe fazendo ligeiro aceno.

As mulheres geralmente dançam muito bem e melhor do que os homens. No final da dança as mulheres para fazerem galhofa ou mostrarem sua agilidade e perícia costumam, a um descuido do cavalheiro metê-lo debaixo do rodado de sua grande saia, enlaçando-o com os braços e o apertando a altura do pescoço. Quando isto ocorre sai o dançarino apupado pelos circunstâncias, sob o motejo dos companheiros e difficilmente volta ao salão.

As músicas executadas pelos tocadores, nos barracões são as mesmas que qualquer jazz tocaria nas festas da cidade, mas de quando em vez tocam o retumbão, em que o tambor grande, a "onça" e o pandeiro predominam, marcando o compasso e o estilo dessa dança que se choca com os ritmos das danças modernas.

Esse ritmo pode ser reproduzido de memória, pelo dizer onomatopaico, do seguinte versinho: —

É tempo de cupu,
peixe pedra, baiacú.

O lundum toma vários nomes na Zona Bragantina. Assim, em Bragança e Quatipurú é Retumbão; Carimbó, Corimbó ou Curimbó nas demais regiões da zona, especialmente em Capanema, Salinópolis, Marapanim, etc. com pequenas variações de

ritmo e denominações de passos, como: “dança do peru”, “banho”, etc.

Uma outra dança quase desaparecida em Bragança, é o “Bagre”; espécie de quadrilha, dançada em roda, marcada em francês deturpado e com grande número de participantes. Os pares formam círculo e o marcador comanda, determinando os passos: — “Eia avante” — os pares, pelas mãos, vão até ao centro do círculo e voltam à posição primitiva. “Granchê de duble”, grita o marcador e os cavalheiros metem o braço direito no braço direito da dama dão uma volta e enfiam o braço no braço da dama seguinte, até a terceira dama, quando o marcador avisa — “Já cheguei”. Daí, em seguida, sempre comandando o “granchê de duble” prossegue o marcador, até alcançar o seu par e igualmente, os demais participantes. Neste ponto o marcador comanda novamente — “Ei Chavá” — e o cavalheiro dá uma volta com a sua dama e dança igualmente com a seguinte, avançando sempre, até alcançar o seu par. Restabelecida a roda pelos pares, dançando sempre, pelo apoio simples de uma das pernas e lançando a outra, alternadamente, vão os pares, ao comando do marcador, “enfiando o bagre”, isto é, se entrelaçando, seguros pelas mãos, enfiando a cabeça por debaixo do braço do par seguinte, até voltar à primitiva posição.

O “bagre” é uma dança em que o compasso musical é o binário simples, em ré maior, sendo o ritmo o mesmo do retumbão, no entanto mais “alegre”. Os *tocadores*, para dar mais ênfase a êsse ritmo e mais entusiasmo à dança, cantam versinhos de improviso e os cavalheiros de quando em vez batem os pés com o mesmo propósito.

Há também uma dança denominada “Chorado” em que os participantes fazem roda e uma mulher sai sòzinha para dançar. Decorridos alguns momentos, ela escolhe o seu par, batendo mais fortemente com os pés no sólo, em direção ao eleito e com os dedos lhe fazendo ligeiro aceno. Um só par dança de cada vez. O ritmo é o do retumbão, em sol maior, e o sapateado repinicado em gestos propositados, é a nota dominante desta dança.

Infelizmente, por falta de aparelhagem, deixamos de incluir, no presente trabalho, o registro sonoro e gráfico destas danças, apresentando tão sòmente a música escrita do retumbão.

NOTAS EXPLICATIVAS AO TEXTO

1) Trecho transcrito do Segundo Compromisso.

2) Segundo o calendário canônico o dia de São Benedito deve ser celebrado a 3 de Abril, vigília da morte desse Santo. No entanto não é somente em Bragança que 26 de Dezembro é consagrado como dia de São Benedito. As razões são possivelmente de ordem econômica, ligadas à agricultura e aos hábitos sociais do povo. Loureiro Fernandes (1951), em estudo sobre a Festa de São Benedito, no Paraná, assinala, nesse mesmo dia, o culto desse Santo.

J. Grelier (1956) em *Le culte de Saint Benoit de Palerma dans les Andes du Venezuela*, recentemente, também assinalou em 29 de dezembro, naquele país, a data de veneração daquele Santo. Convém citar, que anotamos, nesse trabalho, certas relações de semelhança entre a indumentária da confraria da Festa da Venezuela e a da Marujada de Bragança, sendo que lá os brincantes são homens e aqui são especialmente mulheres.

Em Dezembro os trabalhos das colheitas, das derrubadas e queimadas, já estão terminados, de forma que esse interregno até o plantio, em Janeiro, com as chuvas, sendo de descanso também é o período mais propício as folgas e as festas, inclusive aquelas de caráter religioso. Daí certamente a facilidade encontrada pelos escravos de 1798, em Bragança, obtendo dos seus senhores, a permissão para a realização das festas de São Benedito, naquela época.

Informantes: — † D. Silvana Rufina de Souza, † Candida Maria de Morais, Francisco da Cunha Junior e Luiz Belém.

SUMMARY

This study is the result of a collection of folklore material made by the author at the region of Bragança, state of Pará, in the Brazilian Amazon.

The material, arranged in chapters, is listed chronologically in accordance with local folk cycles, beginning at Christmas.

Chapter I contains a brief antro-po-geographical and social study of the municipality of Bragança, taken as the center of these investigations. In the remaining chapters are included the popular festivals most commonly held in the Bragantine zone, as follows: — those belonging to the Christmas cycle — the Presepius, New Year and the Kings; those belonging to the Carnival cycle — the "Entrudo", "Judas" and the "Testamentos", and "Serra-a-velha"; those of the June cycle — the festivals of St. John and St. Peter and the "Cavalhada"; the feast of the Holy Spirit ("Divino"), which is now no longer kept; and finally, those of the cycle of St. Benedict, also held in December but distinct from the Christmas cycle — the feast of St. Benedict, the "Retumbão", and other dances proper to the occasion.

The festivals and folk manifestations in the Bragantine zone are shown in its similarities and relations to those of other areas of the Amazon region.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, RENATO

- *Inteligência do Folclore — Livros de Portugal*, Rio, 1957.
- *História da Música Brasileira* — Rio, 1942.
- *Música Folclórica e Música Popular* — in *Província de São Pedro*, 14, Rio, 1949.

ALOISI, IRENE E HADDOCK LOBO

- *O Negro na Vida Social Brasileira — Assuntos brasileiros — Caderno de Ensaíos, Série C, Vol. II*, São Paulo, 1941.

AMARAL, AMADEU

- *Tradições Populares* — Instituto Progresso Editorial — S. Paulo, 1948.

ARAUJO, HERACLIDES C. DE SOUZA

- *A Profilaxia Rural no Estado do Pará, Vol. I* — Dep. Nac. de Saúde Pública, Pará, 1922.

BAENA, ANTONIO LADISLAU MONTEIRO

- *Compêndio das Eras* — Pará, 1838.
- *Ensaio corográfico sobre a Província do Pará* — Pará, 1839.

BARROSO, GUSTAVO

- *Através do Folclore* — Comp. Melhoramentos, São Paulo, 1927.
- *Ao Som da Viola* — Imp. Nacional — Rio, 1950.

BIBLIOTECA E ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ

- *Anais* — Do I ao X vols. — Belém, Pará.

BETTENCOURT, GASTÃO

- *A Amazônia no Fabulário e na Arte — Pro Domo* — Lisboa, 1946.
- *Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro* — Bibl. de Etn. e Folclore Agir — Rio, 1947.
- *A Bahia e o seu Folclore* — Separata de Brasília, vol. VI — Coimbra, 1951.
- *O Folclore no Brasil* — Universidade da Bahia, 1957.

BORDALLO DA SILVA, ARMANDO

- *Aspectos Antropo-sociais da Alimentação na Amazônia — Insituição de Antropologia e Etnologia do Pará, vol. I* — Belém, 1948.
- *Estudo Preliminar sobre as Áreas Ecológicas e Alimentares do Estado do Pará* — Tese apresentada ao XII Congresso Brasileiro de Higiene, Pará, Belém, 1954.
- *Canociros e Pescadores* — Tese apresentada ao III Congresso Brasileiro de Folclore — Bahia, 1957.
- *Micro-áreas Ecológicas do Município de Bragança* (em preparação).

BORDALLO DA SILVA, ARMANDO E BOLÍVAR

- A Costa Oriental do Pará — Tese apresentada ao X Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III — Rio, 1944.

BORDALLO DA SILVA, BOLÍVAR

- Um Capítulo da História da Amazônia — Cronologia Bragantina (a publicar).

BRAGA, TEODORO

- Noções de corografia do Estado do Pará — Belém, 1920.

BRANDÃO, ALFREDO

- Crônicas Alagoanas — Col. Autores Alagoanos, n.º 5 — Maceió, 1939.

BRANDÃO, THEO

- O Auto dos Cabocolinos — Separata da Rev. do Instituto Hist. de Alagoas — Maceió, 1952
- O Reisado Alagoano — Sep. da Rev. do Arq. Municipal de São Paulo, 1953.
- O Fandango — Sep. da Rev. do Inst. Hist. de Alagoas — Maceió, 1957.

CASCUDO, LUIZ DA CÂMARA

- Cinco Livros do Povo — Col. Doc. Brasileiros n.º 72 — Rio, 1953.
- Notas Sobre o Catimbó — Novos Estudos Afro-brasileiros — Bibl. Div. Científica, vol. IX — Rio, 1937.
- Dicionário Folclórico Brasileiro — Inst. Nacional do Livro — Rio, 1954.

CARNEIRO, EDISON

- Antologia do Negro Brasileiro — Ed. Globo — Pôrto Alegre, 1950.
- Dinâmica do Folclore — Rio, 1950.
- A Conquista da Amazônia — Col. Mauá — Serv. de Doc. do Mint. da Viação e Obras Públicas — Rio, 1956.
- A Sabedoria Popular — Bibl. de Div. Cultural, Série A — XI — Min. Ed. e Cult., Rio, 1957.

CARNEIRO, SOUZA

- Mitos Africanos no Brasil — Col. Brasileira, vol. 103 — Rio, 1937.

CASAL, MANOEL AIRES DE

- Corografia Brasileira — 1817 — Edições Cultura — Série Brasileira — São Paulo, 1945.

CEZAR PEREIRA, BENEDITO

- Nos Bons Tempos da Guariba Mosororó — Jornal do Casté — Bragança, 13-2-1954, Pará.

COINTE, PAUL LE

- O Estado do Pará — Comp. Ed. Nacional Brasileira — Série Grande — São Paulo, 1945.
- Plantas Úteis da Amazônia — Col. Brasileira, vol. 251 — São Paulo, 1947.

COLUCCIO, FELIX

- Folklore de las Americas — El Ateneo — Buenos Aires, 1948.

COLUCCIO, FELIX Y G. SCHIAFFINO

- Folklore y Nativismo — Editorial Bell — Buenos Aires, 1948.

CORTAZAR, AUGUSTO RAUL

- El Carnaval en el Folklore Calchaquí — Ed. Sudamericana — Buenos Aires, 1949.

CRUZ, ERNESTO

- A Estrada de Ferro de Bragança — Publs. da S.P.V.E.A. — Pará, 1955.

CORREIA, AUGUSTO

- O Município de Bragança, in "Estado do Pará", Belém, 6-12-1922.

CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

- Anais do Primeiro — Rio, 1951.

CÍRCULO FOLCLÓRICO LUSO-BRASILEIRO DO LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS (PUBLICAÇÕES)

- Estudo do Folklore Luso-Brasileiro — Vários autores — Rio, 1952.

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E RECREIO DA PREFEITURA DE SÃO PAULO (PUBLICAÇÕES)

- A Marujada — São Paulo, 1938.

EDMUNDO, LUIZ

- Recordações do Rio Antigo — Ed. Conquista, 2.^a Ed., Rio, 1956.
- O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis — Ed. Aurora, 3.^a Ed., Rio, 1951.

FAZENDA, DR. JOSÉ VIEIRA

- Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro — Sep. da Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio de Janeiro, vol. 140, Rio, 1921.

GALVÃO, MARÍLIA E ROBERTO

- Áreas Amazônicas de Mato Grosso, Goiás e Maranhão — Publ. da S.P.V.E.A., Belém, 1955.

GALVÃO, ROBERTO

- Introdução ao Conhecimento da Área Maranhense Abrangida pelo Plano de Valorização Econômica da Amazônia — Rev. Brasileira de Geografia, ano XVII, n.º 3 — Rio, 1955.

GIFFINIG, JOÃO BENEDITO GASPAR

- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Tomo IV — pg. 370.

GALLET, LUCIANO

- Estudos de Folclore — Rio, 1943.

GOMES, ANTÔNIO OSMAR

- A Chegança — Rio, 1941.

GRELIER, J.

- Le Culte de Saint Benoit de Palerme dans les Andes du Venezuela — L'Ethnographie — Soc. d'Eth. de Paris, n.º 51, Paris, 1956.

IMBELLONI, J.

- Concepto y Praxis del Folklore como Ciencia — Bibl. del Americanista Moderno, Série E, Tomo IV — Buenos Aires, 1943.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (PUBLICAÇÕES)

- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XIV — Rio, 1957.
 — Bragança — Pará — Col. de Monografias, n.º 179 — Rio, 1958.
 — Brasil — Censo demográfico — 1940.
 — Sinopse Estatística dos Municípios do Estado do Pará — 1942.
 — Brasil — Censo demográfico — 1950.
 — Estado do Pará — Censo demográfico — 1950.

LEAL, DR. ANTÔNIO HENRIQUE

- Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil — Livraria Popular de Magalhães & Comp. — Maranhão, 1874.

LIMA, ROSSINI TAVARES DE

- A. B. C. do Folclore — Ricordi Brasileira S. A., 2.ª Ed. — São Paulo, 1958.

LIRA, MARIZA

- Mígalhas Folclóricas — Rio, 1951.

LOPES, RAIMUNDO

- Antropogeografia — Publ. Avulsas do Museu Nacional, n.º 18 — Rio, 1956.

LAYTANO, DANTE

- Festa de N.^a S.^a dos Navegantes — Publ. da Com. Est. de Folclore do Rio Grande do Sul — Rio, 1953.

LOUREIRO, DR. JOSÉ FERNANDES

- Notas para a Festa de São Benedito — Congadas da Lapa — Anais do I Cong. Bras. de Folclore, vol. III — Rio, 1951.

MAYNARD ARAUJO, ALCEU

- Marujada e Moçambique — II Semana Nac. de Folclore — C.N.F. — I.B.E.C.C. — Rio, 1949.

MATA, MACHADO, AIRES DA

- Curso de Folclore — Ed. Livros de Portugal — Rio, 1951.

MELLO MORAIS, FILHO

- Festas e Tradições Populares do Brasil — 3.^a ed. — Rio, 1951.

NETTL, BRUNO

- La Musica Folklorica — Folklore Americas, vol. XIV — University of Miami Press — Florida, U.S.A., 1954.

ORICO, OSWALDO

- Mitos Ameríndios — 2.^a ed., Rio, 1930.

OLIVEIRA, PROF. JOSÉ COUTINHÓ

- Lendas Amazônicas — Belém, 1916.

PIERSON, DONALD

- Brancos e Pretos na Bahia — Co. Brasileira, vol. 241 — Rio, 1945.

PINTO, AUGUSTO O.

- Hidrografia do Amazonas e seus Afluentes — 2 vols. Imprensa Nacional — Rio, 1930.

PINTO, ALFREDO MOREIRA

- Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil, vol. I — Imprensa Nacional — Rio, 1894.

POVINA, ALFREDO

- Teoria del Folklore — Ed. Assandri — Cordoba, 1954.

QUERINO, MANUEL

- Costumes Africanos no Brasil — Bibl. de Div. Científica, vol. XV — Rio, 1938.
— A Bahia de Outrora — Col. de Estudos Brasileiros, vol. 3 — Ed. Progresso — Bahia, 1946.

RAMOS, ARTHUR

- As Culturas Negras no Novo Mundo — Bibl. de Div. Científica, vol. XII — Rio, 1937.
- A Aculturação Negra no Brasil — Col. Brasileira, vol. 224 — Rio, 1942.
- Estudos de Folclore — C.E.B. Col. Gaivota, n.º 8 — Rio, 1951.
- O Folclore Negro do Brasil — C.E.B., 2.ª ed., Rio, 1954.
- O Negro na Civilização Brasileira — C.E.B., Rio, 1956.

REIS, ARTUR

- Guia Histórico dos Municípios do Pará — Rev. do Patr. Hist. e Artístico Nacional, n.º 11 — Rio, 1947.

RODRIGUES, NINA

- Os Africanos no Brasil — Col. Brasileira, vol. IX — Rio, 1935.

ROMERO, SÍLVIO

- Folclore Brasileiro — Cantos Populares do Brasil — Col. Doc. Brasileiros, ns. 75, 75-A, 75-B — Rio, 1954.

SETTE, MÁRIO

- Maxambombas e Maracatús — C.E.B., 3.ª ed. — Rio, 1958.

SORRE, MAX

- Les Fondements de la Geographie Humaine — Libr. Armand Colin — Paris, 1951.

VALE, FLAUSINO RODRIGUES DO

- Elementos de Folclore Musical Brasileiro — Col. Brasileira, vol. LVII — Rio, 1936.

VAZ, YARA

- Danças Folclóricas — Ed. Andes — Rio, 1956.

VIANA, ARTUR

- Festa Popular do Pará — Anais da Bibl. e Arq. Publ. do Pará — Vols. III e IV — 1904/5.

WAGLEY, CHARLES

- Uma Comunidade Amazônica — Col. Brasileira, vol. 290 — São Paulo, 1957.

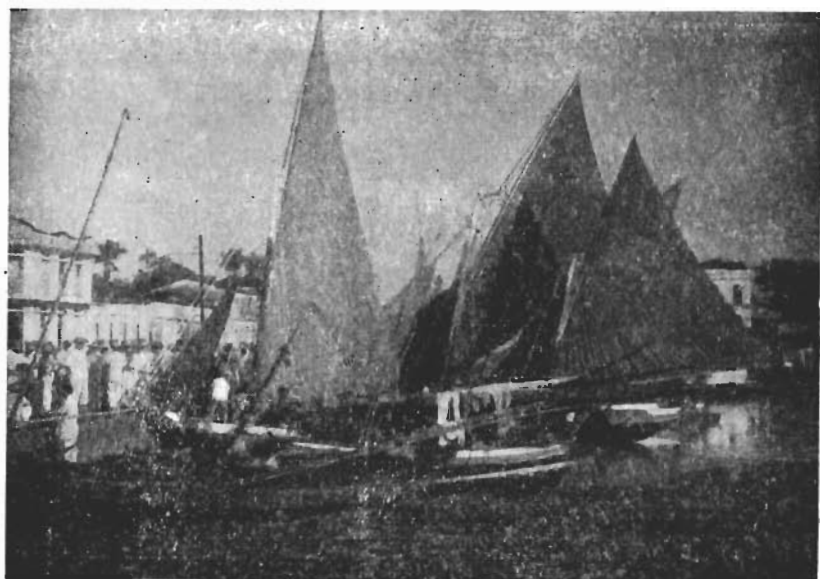
INDICE

	Página
PREFÁCIO	1
CAPITULO I	
Considerações antropológicas	3
Notas explicativas ao texto	12
CAPITULO II	
Ciclo do Natal — Presépios e pastorinhas	15
Ano-Bom e Reis	18
Notas explicativas ao texto	20
CAPITULO III	
Ciclo do Carnaval — Entrudo	21
Serra-a-Velha	22
Judas e Testamentos	26
Notas explicativas ao texto	26
CAPITULO IV	
Festa do Divino Espírito-Santo	28
Notas explicativas ao texto	29
CAPITULO V	
Ciclo Joanino — Festa de São João e São Pedro	30
Foi-bumbá	32
Cavallhada	43
Ching-ching e Tum-dum-dum	45
Notas explicativas ao texto	46
CAPITULO VI	
Esmolações de Santo e Ladainhas	49
Putirum	54
Notas explicativas ao texto	56
CAPITULO VII	
Festa de São Benedito	58
Marujada	60
Retumbão	65
Notas explicativas ao texto	68
SUMMARY	69
BIBLIOGRAFIA	70
DOCUMENTÁRIO FOTOGRÁFICO	77

DOCUMENTÁRIO
FOTOGRAFICO



Trapiche da cidade de Bragança. Ao fundo, o Mercado Municipal



Farte do pôrto, vendo-se o cais de atracação e embarcações típicas da região



Grupo pastoril do começo d'êste século



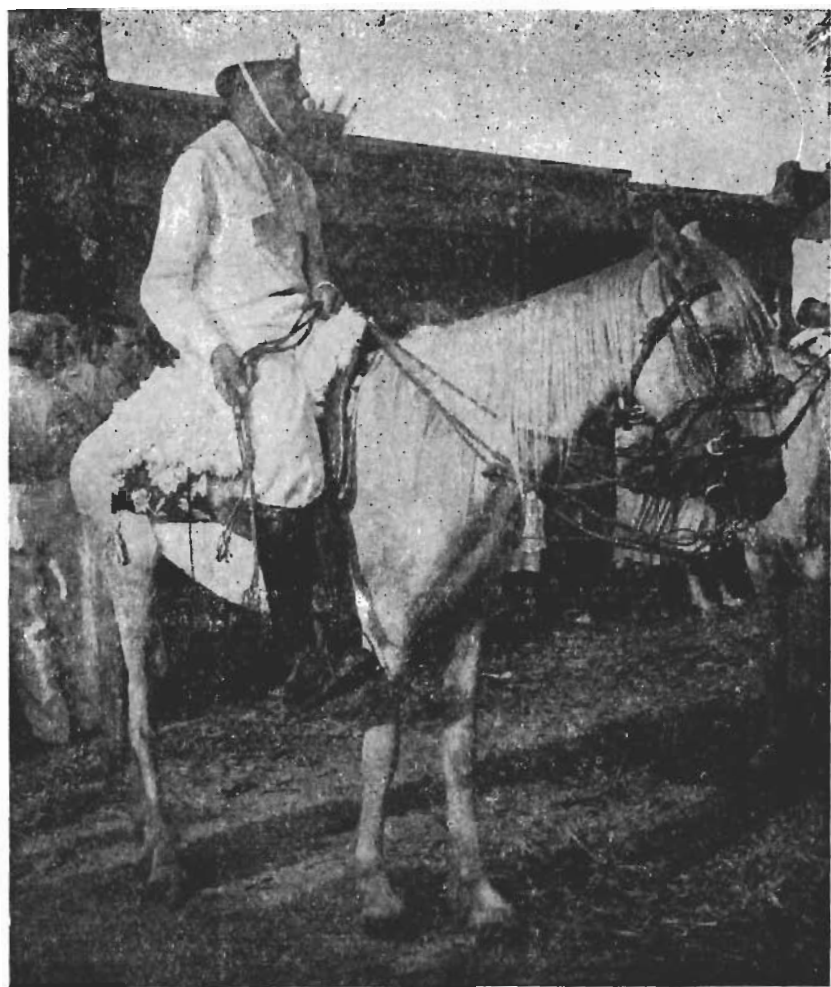
A Cavalhada. Cavaleiros em fila aguardando a vez para a disputa da *argolinha*



Esmoladores de santo. Porta-estandartes executando movimentos de entrelaçamento das bandeiras



Procissão de São Benedito, antecedida pela Marujada e pelos componentes da Cavalhada



Um componente da Cavahada



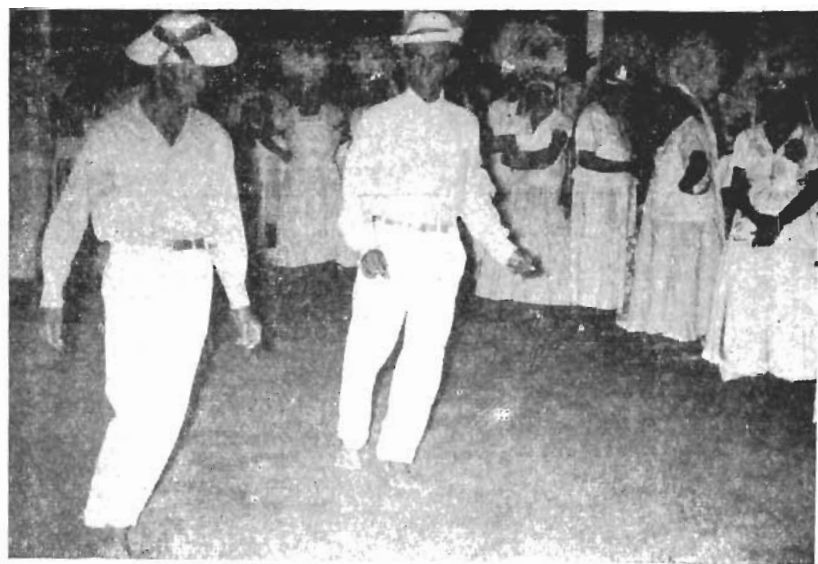
Tecedores da Marujada e acompanhantes



Tocadores da Marujada



Marujada em desfile



O Retumbão



Capitôa da Marujada, empunhando o bastão, e a Sub-Capitôa, em seus
trajes típicos

Retumbãe

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. It features a melodic line with eighth-note patterns and some beamed sixteenth notes. The lower staff is in bass clef and provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

The second system continues the piece with similar melodic and harmonic patterns. The upper staff maintains its eighth-note driven melody, while the lower staff provides a steady accompaniment.

The third system shows the continuation of the musical piece. The melodic line in the upper staff remains active with eighth-note figures, and the bass line continues with its accompaniment.

The fourth system of notation. The upper staff begins to show more melodic variation with some notes beamed together, while the lower staff continues with its accompaniment.

The fifth system of notation. The upper staff features a more complex melodic line with some sixteenth-note runs. The lower staff continues with its accompaniment.

The sixth and final system of notation. The upper staff concludes with a melodic phrase. The lower staff ends with a final chord and a fermata over a note, with the word "Fini" written below the staff.